


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

MAYARA MARIA DE OLIVEIRA VIVAN

EDUCAÇÃO CONTINUADA: POSSIBILIDADES E DESCOBERTAS NO
ENVELHECIMENTO

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL
DEFENDIDO E APROVADO

EM: 27/02/08


Rosana Maria Gaio
Depto de Serviço Social / CSE

FLORIANÓPOLIS

2007/2

MAYARA MARIA DE OLIVEIRA VIVAN

**EDUCAÇÃO CONTINUADA: POSSIBILIDADES E DESCOBERTAS NO
ENVELHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profª Ms. Iliane Kohler

FLORIANÓPOLIS

2007/2

MAYARA MARIA DE OLIVEIRA VIVAN

**EDUCAÇÃO CONTINUADA: POSSIBILIDADES E DESCOBERTAS NO
ENVELHECIMENTO**

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel no Curso de Serviço Social, Departamento de Serviço Social,
Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina.**

BANCA EXAMINADORA

**Iliane Kohler
Orientadora**

Rita de Cássia Gonçalves

Rita de Cássia Gonçalves

Quéli Flach Anschau

Florianópolis, fevereiro de 2008

AGRADECIMENTOS

É com grande satisfação que aproveito este espaço para agradecer a todos que estiveram presentes em minha vida, compartilhando momentos de conquistas e incentivando a superação de desafios.

Agradeço a Deus pelas oportunidades que me foram oferecidas, mas especialmente pelas pessoas que colocou em meu caminho, a começar por minha família, sem a qual nenhuma conquista teria o mesmo sabor. Portanto, destaco minha gratidão aos meus pais, por todo esforço, dedicação e apoio. Igualmente, agradeço ao meu irmão, presença marcante em toda minha vida, por aguentar essa baixinha que não lhe deixa em paz nunca! Amo demais todos vocês!

Agradeço também, ao meu Tio Marco, por compartilhar suas experiências acadêmicas e por todo apoio e incentivo!

Não posso deixar de agradecer a Tia Vera, que há muitos anos atrás depositou em mim grande confiança, sendo de fundamental importância para muitas de minhas conquistas.

A minha professora orientadora, Iliane Kohler, agradeço por toda sua atenção e dedicação.

Agradeço também, a Carmem e Arlei pela confiança, amizade e apoio. E, claro, agradeço a Le, por toda amizade e companheirismo. Estas são importantes amizades que, certamente, serão mantidas com grande carinho e respeito.

Agradeço a todas amigas do Curso de Serviço Social.

Agradecimentos especiais a todos os meus amigos que me incentivaram e apoiaram: Luciane (que mesmo de longe é uma grande amiga), Tássia (que sempre transmitia confiança de que tudo daria certo), Allan (um grande amigo mesmo!), Gick (porque ele pediu), Guilherme (por seus bons conselhos) e Marcos Keidy (que mesmo longe, me ajudou bastante com as palavras certas quando precisei).

Agradeço ao GRUPATI, por todo acolhimento, em especial, às pessoas que participaram da pesquisa, por toda atenção, carinho e interesse, além das importantes contribuições para a realização deste trabalho.

Agradeço, também, ao SESC, pela oportunidade de estágio e a todos idosos, dos diferentes grupos que acompanhei. Sou grata por todo respeito e aprendizado!

Quero agradecer, ainda, a todos que de alguma forma contribuíram nesta importante etapa de minha vida.

Registro a todos o meu: Muito Obrigada!

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

RESUMO

Com o aumento populacional acelerado de idosos, que estamos presenciando mundialmente, é preciso promover o debate a respeito das implicações sociais deste fenômeno, a fim de garantirmos longevidade com qualidade de vida. Neste contexto, são muitas as ações e esforços necessários para que possamos atingir tal objetivo, envolvendo tanto profissionais que atuam junto ao segmento populacional em questão, quanto à sociedade em geral. Neste cenário a educação informal para idosos representa um importante meio para viabilizar o acesso destes sujeitos a novos conhecimentos, informações e atualização. Diante disso, este estudo exploratório busca na perspectiva dos sujeitos que integram o Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade (GRUPATI), do Serviço Social do Comércio (SESC), Florianópolis/SC, identificar qual a compreensão destes quanto ao processo de educação continuada em que estão inseridos. Além disso, este estudo reconhece a atuação do Serviço Social, enquanto fomentador de tal processo que permite aos idosos experimentar oportunidades para prosseguir desenvolvendo suas potencialidades e habilidades em mais esta etapa da existência humana, visibilizando as conquistas advindas da longevidade. Em suma, as repercussões sociais da inserção de idosos em grupos desta natureza não se limitam, ao contrário, tem vasta abrangência, historicamente delineadas na vida dessas pessoas, dos que os cercam e nos desafios postos à sociedade contemporânea.

Palavras-chave: envelhecimento, educação continuada, qualidade de vida, Serviço Social.

LISTA DE SIGLAS

ANG	Associação Nacional de Gerontologia
CBAS	Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais
CF	Constituição Federal
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
ENPESS	Encontro Nacional de Pesquisa em Serviço Social
GRUPATI	Grupo de Estudos e Atualização da Terceira idade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
ONU	Organização das Nações Unidas
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SESC	Serviço Social do Comércio
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1 ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO: NOVAS POSSIBILIDADES	12
1.1 O processo de envelhecimento	12
1.2 Trajetória do envelhecimento no Brasil	19
1.3 Envelhecimento e Educação	25
1.3.1 Universidades e Escolas Abertas a Terceira Idade	30
2 SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO E O TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS	32
2.1 Resgate Histórico Institucional e o Trabalho Social com Idosos	32
2.2 Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade – GRUPATI	34
3 A EDUCAÇÃO CONTINUADA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS SUJEITOS	38
3.1 Procedimentos metodológicos da Pesquisa	38
3.2 Quem somos: breve perfil dos sujeitos da Pesquisa	41
3.3 O processo de Educação Continuada na perspectiva dos sujeitos	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas e Transcrição	

APRESENTAÇÃO

Reconhecendo-se que a questão da velhice e do envelhecimento, vem se corporalizando gradativamente, no cenário mundial, devido à progressiva expansão deste segmento populacional, a ampliação do debate sobre esta temática mostra-se cada vez mais oportuna e necessária para profissionais de diferentes áreas que atuam junto a esta população, bem como para a sociedade de um modo geral. Além disso, acredita-se que o trabalho, em caráter interdisciplinar, é capaz de proporcionar importantes avanços no trato da velhice, possibilitando maiores ganhos aos que estão vivenciando esta etapa da vida.

Entretanto, é preciso considerar que a velhice, não é uma experiência uniforme para todos que alcançam idades mais avançadas, visto que há diferentes elementos condicionantes que interferem neste processo, sejam eles desigualdade social ou perdas quanto à capacidade funcional, por exemplo. Além destes, no enfrentamento de sua velhice, muitos ainda deparam-se com preconceitos e estereótipos que sobrecarregam, pejorativamente, a imagem do idoso em nossa sociedade.

Diante disso, suscita-se maior atenção a temática concernente ao idoso que, neste Trabalho de Conclusão de Curso, será tratada na perspectiva da Educação Continuada voltada a este segmento, enquanto possibilidade para uma qualidade de vida cidadã e desconstrução de concepções equivocadas acerca da velhice e do envelhecimento. Neste sentido, Palma (2000 apud OKUMA, 2006), sustenta que uma vivência mais positiva, atuante e participativa, nesta etapa da vida, é viabilizada através da educação que permite realização pessoal e autonomia, assegurando maior qualidade de vida.

Para tanto, tivemos como objeto de pesquisa o Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade (GRUPATI), do Serviço Social do Comércio (SESC), no Estado de Santa Catarina, Unidade Florianópolis, projeto desenvolvido junto ao programa institucional, Terceira Idade. Este projeto oportuniza a aproximação com o presente, bem como o resgate do passado, valorizando as diferentes trajetórias de vida de suas integrantes, além de promover o debate acerca dos mais variados temas presentes na atualidade.

O interesse pela realização deste estudo surgiu da experiência de Estágio Curricular Obrigatório, do Curso de Serviço Social, realizado na referida instituição, em que dentre as atividades de estágio, estava a coordenação do grupo em questão. Desta maneira, a identificação

pessoal com a proposta do grupo – voltado a construção do saber, sem limites de tempo e espaço, oportunizando a aquisição de novos conhecimentos e troca de experiências – incorporou-se a alguns questionamentos referentes a este processo. Daí nossa motivação por buscar identificar qual a compreensão destes idosos acerca do processo de educação continuada em que estão envolvidos.

Ademais, percebeu-se a importância de buscar, também, elementos que reconheçam a importante atuação do Serviço Social enquanto fomentador de projetos de educação informal. Isso porque, acredita-se que deve ser estimulada a criação de espaços que permitam a democratização do conhecimento, exercício da cidadania, pensamento crítico, valorização do potencial criativo e habilidades destes sujeitos. Aspectos estes, que serão melhor apresentados, no decorrer deste estudo.

Este trabalho é composto por três seções. Na primeira seção estarão em pauta o processo de envelhecimento e suas implicações, constando alguns dos conceitos mais pertinentes a nossa temática, além de um breve resgate da trajetória do envelhecimento em nosso país, considerados alguns fatores de repercussão mundial. Abordaremos ainda a importante relação entre envelhecimento e educação, destacando experiências bem sucedidas neste sentido, como as Universidades e Escolas Abertas a Terceira Idade, atualmente, bastante disseminadas em nosso país.

Já na segunda seção, nosso foco será o SESC, onde, brevemente, apresentaremos o histórico institucional, resgatando sua criação, bem como seus objetivos e finalidades, além de outros esclarecimentos. Além disso, neste momento, destacaremos o pioneirismo desta instituição, no desenvolvimento do trabalho social com idosos, em nosso país. Em seguida, será apresentado ao leitor o GRUPATI, contemplando as informações mais relevantes quanto a sua posição no contexto institucional, proposta e objetivos.

Em nossa terceira seção, serão apresentados os resultados obtidos com a pesquisa exploratória, de modo que iniciaremos pontuando a metodologia de pesquisa e relatando seu desenvolvimento. Em seguida, traçaremos um breve perfil dos sujeitos envolvidos. Na sequência, teremos a análise dos resultados, apresentando os conteúdos das entrevistas¹ concedidas pelos sujeitos da pesquisa.

¹ A transcrição das entrevistas realizadas constará, em forma de apêndice, neste trabalho.

Por fim, em nossas considerações finais, resgataremos alguns elementos marcantes e abordaremos outros, com vistas a relevância que assumem nesta pesquisa que, por ser de caráter exploratório, nos permite apenas uma primeira aproximação à temática em questão.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer imensamente a participação de cada sujeito presente nesta pesquisa, ressaltando que suas contribuições foram bastante enriquecedoras e indispensáveis. Portanto, acreditamos na importância de privilegiarmos, neste espaço, suas falas a fim de dar maior visibilidade às idéias, anseios, percepções e compreensão destas pessoas, quanto ao processo em que estão envolvidas neste grupo. Assim, embora estejamos partindo de um dos possíveis olhares para o trato desta temática, salientamos a centralidade da percepção dos sujeitos subsidiando nossas reflexões.

1 A VELHICE E O ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CONTINUADA

1.1 O processo de envelhecimento

Considerando que a velhice é uma categoria socialmente produzida, há portanto a necessidade de uma distinção entre um fato universal e natural (que é o ciclo biológico, compreendendo o nascimento, o crescimento e a morte) e um fato social e histórico (que expressa a variabilidade de concepções quanto a experiência da velhice). Mesmo porque, embora em termos biológicos natural e universalmente todos os indivíduos que alcançam idades mais avançadas experienciem a velhice, numa perspectiva antropológica este processo está envolto simbolicamente por rituais que definem fronteiras entre idades e que não são necessariamente as mesmas entre as diferentes sociedades existentes. Neste sentido, é preciso relativizar as diferentes noções que tendem a uma naturalização da vida social, ou seja, transcender particularismos pensando a humanidade em seu conjunto. (DEBERT, 1998)

Embora seja comumente caracterizado como um processo de perdas, o envelhecimento não necessariamente será sempre uma etapa marcada por doenças, dependência ou isolamento social, por exemplo. Como coloca Mascaro (2004, p. 54), “o que atrapalha os idosos são os preconceitos, a idéia de que a velhice é sinônimo de doença e incapacidade”. Deste modo, pondera-se que, as mudanças biológicas são inerentes ao processo de envelhecimento que, além destas, compreende também as sociais e culturais, embora estas últimas possam apresentar maiores diferenciações, de acordo com o contexto da sociedade em que tal processo se dá. Explica-se, este fato, a partir das várias concepções de velhice que, ao longo do tempo, foram reproduzidas no seio das diferentes sociedades.

Além disso, como nos diz Salgado (apud NETTO e DA PONTE, 2005, p. 9), “valores culturais sedimentados através dos anos qualificaram extremamente o potencial da juventude, em detrimento da idade madura e da velhice, as quais acabaram por serem interpretadas com um misto de improdutividade e decadência”.

Entretanto, cabe acrescentarmos com o que nos diz Debert (1998, p. 50-51), ao afirmar que “a representação sobre a velhice, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos”, ou seja, numa perspectiva antropológica, qual seja a fase da vida, as experiências, rituais e fronteiras entre as idades, não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades.

Veras (1994), alerta para a impossibilidade de se estabelecer conceitos universalmente aceitáveis e uma terminologia globalmente utilizável com relação ao envelhecimento, por entender que há conotações políticas e ideológicas associadas a concepção deste processo que, portanto, apenas pode ser melhor compreendido se considerarmos as diferentes sociedades em suas especificidades.

Assim, por este viés, ressalta-se que, como nos diz Beauvoir (1990), para compreender a realidade e significação da velhice é indispensável observar-se o lugar que é destinado aos velhos e que representação se faz deles em diferentes tempos, em diferentes lugares.

Segundo Peixoto (1998), a noção de “velho” está bastante associada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho, enquanto que a noção de “idoso” é assimilada como menos estereotipada. A autora afirma que esta designação imprimiu outro significado ao indivíduo velho, transformando-o em sujeito respeitado, de modo que, os problemas dos velhos passaram, então, a constituir necessidades dos idosos. Todavia, na França, devido às conjunturas, tanto econômica quanto social, fez-se necessária a criação de uma nova designação que conferisse maior respeitabilidade e uma imagem positiva da velhice, enquanto uma etapa ativa e independente, surgindo então a *terceira idade*².

Bosi (1994) nos dá sua contribuição ao definir que “ser velho”, em nossa sociedade, é lutar para continuar sendo homem. Ou seja, é lutar para continuar sujeito de sua autonomia, reafirmando-se enquanto um cidadão portador de direitos, contrapondo-se a concepções equivocadas que impõem barreiras a velhice e ao envelhecimento, subjugando capacidades e habilidades dos idosos.

Acredita-se que em conjunturas como esta, a educação – que será melhor abordada ao longo do desenvolvimento deste estudo – corresponde a um importante campo de possibilidades que permitem a transformação social. Isso se dá, a partir da construção dialógica do

² Há várias críticas em torno do termo *terceira idade*, entendido como uma designação eufêmica. Entretanto, não temos a pretensão de nos colocarmos neste debate. Apenas cabe pontuarmos que, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos os termos: *velhice*, *processo de envelhecimento e idoso*. Todavia, é preciso alertar que, alguns dos autores trabalhados no presente estudo, fazem uso do termo *terceira idade*.

conhecimento, de modo que os idosos, integrantes de grupos com programas educativos, em sua interação social com outros de mesma faixa etária e face aos conhecimentos e informações a que tem acesso nestes espaços, utilizem-se deles e reconheçam-se sujeitos de sua autonomia, passando a assumir uma postura muito mais atuante na sociedade.

Entretanto, ao falarmos em autonomia, Bosi (1994) atenta para algo que não podemos perder de vista, que são as situações em que se observa a restrição da autonomia de idosos. Neste sentido, a autora ressalta a necessidade de uma reflexão mais rigorosa acerca das esferas em que é possível observar como se dá a opressão de pessoas desta faixa etária, argumentando que as diferentes formas de opressão, conseqüentemente, acabam por comprometer e, até mesmo, cercear a autonomia e a independência destes idosos, provocando uma série de outros prejuízos como, por exemplo, os sociais. Podemos exemplificar os prejuízos sociais a que estão sujeitos estes idosos, apontando o isolamento social, que mais do que simplesmente um afastamento ou redução das atividades de convívio social, pode significar também o distanciamento familiar.

A autora alerta que a opressão de idosos pode ocorrer intermediada por vários mecanismos como, por exemplo, os institucionais visíveis - onde ela cita a burocracia da aposentadoria e dos asilos - ou então por mecanismos psicológicos sutis como a tutela, a recusa do diálogo. Este último nos remete a uma questão bastante comum na velhice, a solidão que, segundo Capitanini (2003, p.71) trata-se de “um estado emocional que inclui isolamento, tristeza, apatia, insatisfação na vida, o qual é provocado pela ausência de contatos e relacionamentos importantes, agradáveis e significativos”. Entretanto, embora seja recorrentemente associada ao isolamento social, a autora salienta que não há uma necessária relação entre essas categorias. Ainda que tal isolamento possa integrar a experiência de solidão, ser socialmente isolado ou viver sozinho, não implica em solidão. Esclarece que a experiência de isolamento social, “implica uma escassez de relacionamentos significativos e satisfatórios”, considerados os vários tipos de relacionamentos comuns às pessoas, sejam eles superficiais ou íntimos, ou seja, com amigos antigos ou recentes, vizinhos, parentes, entre outros.

Todos esses elementos nos permitem pensar que a inclusão social do idoso é um imperativo nas propostas de novas políticas voltadas a essa população, além da criação de programas sociais que possibilitem ao idoso experimentar uma qualidade de vida cidadã, conforme preconizado na Constituição Federal, Política Nacional e Estatuto do Idoso.

Assim, por ser um processo que compreende características peculiares, historicamente, ainda que em maior ou menor intensidade, de modo geral, os velhos sofrem preconceitos e são estereotipados, uma vez que, segundo Neri (2001), reconhece-se neles um conjunto de características indesejáveis ao associar a velhice à doença, morte, dependência. Entretanto, conforme já fora aqui mencionado, chegar a velhice não deve significar estar fadado a concretização de muitos dos maiores medos que consomem o ser humano, ao contrário disso, está se percebendo que esta etapa de nossa vida também deve ser aproveitada, tal qual objetivamos fazer em outras.

Destaca-se que, conforme nos dizem duas das autoras supracitadas, Beauvoir (1990) e Neri (2001), a experiência de nossa velhice é resultado dos caminhos que percorremos ao longo de nosso desenvolvimento, cujo alicerce passa a ser construído desde as fases iniciais da vida. Portanto, um melhor enfrentamento da velhice, em grande parte, deve-se à atenção dispensada para construção das bases de sustentação que vamos perfazendo ao longo de nossa existência. Todavia, evidentemente, nem todos possuem condições tais que permitam uma trajetória de vida condizente com o que está acima sugerido, em relação a experiência de uma boa velhice.

Reconhece-se que as desigualdades sociais, especialmente num país como o nosso, exercem forte influência sobre o enfrentamento do envelhecimento com qualidade de vida. Recorrendo às palavras de Beauvoir (1990, p. 619), “Quando o velho não é vítima de condições econômicas e fisiológicas que o reduzem ao estado de sub-homem, permanece, ao longo das alterações da senescência, o indivíduo que foi: sua última idade depende em grande parte de sua maturidade.”

Considerando que, segundo Neri (2001), “a sociedade constrói cursos de vida na medida em que prescreve expectativas e normas de comportamento apropriado para as diferentes faixas etárias, diante de eventos marcadores de natureza biológica e social”. Ao se aposentar, por exemplo, os idosos são vistos por muitos como uma parcela da população que nada mais tem a produzir, sugerindo que o espaço doméstico seja o mais adequado e, muitas vezes, assim a família acaba restringindo a autonomia de seus idosos a partir de conclusões equivocadas a respeito desta etapa da vida do ser humano.

Naturalmente, não estamos negando aqui a possibilidade de que, em decorrência de determinadas doenças ou outras moléstias, este sujeito tenha sua capacidade funcional comprometida de maneira tal que o impeça de ter sua autonomia garantida. Entretanto, mesmo no

caso de algumas doenças a que os idosos estão mais suscetíveis, ainda assim o estímulo à realização de suas atividades diárias, respeitadas suas limitações, deve ser mantido.

Tendo em vista isso, mostra-se relevante destacar que, conforme Neri (2001), à capacidade de manter as habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida independente e autônoma, dá-se o nome de capacidade funcional – já anteriormente mencionada – que nada mais é do que a preservação da capacidade de realizar as chamadas atividades de vida diária (AVDs) e atividades instrumentais de vida diária (AIVDs). Basicamente, melhor esclarecendo, as AVDs referem-se às atividades de autocuidado como vestir-se, comer ou tomar banho, por exemplo, enquanto que as AIVDs referem-se a atividades como fazer compras, pagar contas, cozinhar, entre outros.

Isto assume relevância a medida que busca-se promover e assegurar a acessibilidade dos cidadãos ao que lhe é de direito como é o caso da educação para idosos³, foco deste estudo. Assim, respeitar as diferenças e pensar uma estrutura educacional que favoreça a aprendizagem, com ênfase nas habilidades e não nas deficiências, deve nortear a concretização de ações neste sentido.

Com base nisso, ressalta-se que compreender a dimensão da capacidade funcional na vida do idoso, mostra-se indispensável, principalmente, considerando a temática abordada no presente estudo, pois o mesmo depende sobremaneira da manutenção e preservação de tal capacidade para atingir os ideais a que se propõe o idoso ao buscar novos conhecimentos, procurando atualizar-se e estar em constante aprendizado.

Logo, ainda em relação à capacidade funcional, cabe complementar com o que Veras (2003) nos diz, ao conceber este conceito como elemento central em discussões relacionadas ao envelhecimento, inclusive as referentes a formulação de uma nova política de saúde que, segundo ele, deve ter como principal objetivo a manutenção da capacidade funcional, pelo maior tempo possível, pois representa a valorização da autonomia e manutenção da independência física e mental do idoso.

“O conceito de capacidade funcional deve ser entendido como elemento central na formulação e na efetiva implementação de uma nova política de cuidado

³ Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, referente à educação, consta nos seguintes artigos que:

Art.20- O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21- O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

com a saúde. (...) Envelhecer sem nenhuma doença crônica é antes a exceção do que a regra. No entanto, a presença de uma doença crônica não implica que o indivíduo não possa gerir sua própria vida e vivenciar seu dia-a-dia de forma totalmente independente.” (VERAS, 2003, p. 20)

Deste modo, o autor salienta que, a manutenção da capacidade funcional é de tamanha relevância para a promoção de uma efetiva qualidade de vida que chega a representar a valorização da autonomia e manutenção da independência física e mental do idoso.

Cabe salientar que, a velhice incorpora momentos distintos em seu avanço enquanto parte de um processo em desenvolvimento. Portanto, observa-se a necessidade de atenção diferenciada entre os idosos de 60 a 75 anos em relação aos que já ultrapassaram esta marca, alcançando entre 75 a 80 anos ou mais. Isso se deve, fundamentalmente, às condições físicas e biológicas destes idosos, uma vez que as limitações tendem a aumentar progressivamente ao longo do curso do processo de envelhecimento.

Entretanto, destaca-se que ao falarmos em atenção diferenciada não estamos limitando as possibilidades para os que se encontram em idade superior a 75 anos, apenas pretende-se salientar que nesta fase, de modo geral, além das condições físicas e biológicas, conforme já citado, os interesses também acabam sendo outros. Contudo, seja qual for a etapa do envelhecimento que está fruindo, o primordial é vivenciar a velhice com a melhor qualidade de vida que lhe for possível garantir.

No tocante à qualidade de vida, esta depende em grande parte das políticas públicas e sociais de atenção direcionadas ao idoso e que venham assegurar direitos referentes à saúde, educação, esporte, lazer, previdência social, entre outros. Como nos diz Neri (2001), avaliar qualidade de vida consiste em comparar as condições disponíveis com as desejáveis, compreendendo questões relacionadas ao bem-estar físico, psicológico e social, considerando-se suas múltiplas dimensões sendo, portanto, um evento multideterminado.

Ao pensar possibilidades para uma velhice saudável, salienta-se que não há como responsabilizar unicamente o indivíduo para que ele por si só dê conta de viver o processo de envelhecimento saudavelmente. Segundo Featherman, Smith e Peterson (apud NERI, 2001) há de se considerar que a promoção da boa qualidade de vida na idade madura, deve ser vista como um empreendimento de caráter sócio-cultural, resultado da qualidade de interação entre pessoas em mudança, vivendo numa sociedade em mudanças.

Ainda segundo Neri (2001), para avaliar bem-estar na velhice são vários os indicadores como, por exemplo, longevidade, saúde biológica e mental, controle e eficácia cognitiva, rede de amigos. Embora não se possa mensurar o grau de importância de cada um desses elementos – citados a título de exemplificação – para a qualidade de vida e bem-estar frente ao envelhecimento. No entanto, é possível apontar, não somente, mas o convívio social, as relações intergeracionais, atividades físicas, atividades que estimulem a cognição e memória, como elementos mediadores que, certamente, estarão fazendo a ponte entre as possibilidades para um envelhecer saudável.

Além disso, segundo Santos e Sá (2000, p.92), estudos sobre envelhecimento bem-sucedido têm apontado que, ao tratarmos de envelhecimento com qualidade de vida é preciso se ter em vista um conjunto de elementos que correspondem, primeiramente, à ordem econômica, seguida de meios que possibilitem o desenvolvimento e adaptação do idoso por meio da educação contínua e, por fim, à plasticidade, tanto individual quanto social, referente às questões da velhice.

Reconhece-se que o fenômeno do envelhecimento, a que estamos presenciando atualmente e que desencadeia tais discussões quanto a qualidade de vida, é resultado de uma série de fatores e dentre eles estão os avanços no campo da medicina, que tem oferecido cura e prevenção a muitas doenças que tempos atrás foram responsáveis pela perda de muitas vidas. Além disso, não se pode deixar de mencionar que a baixa natalidade, especialmente nos países mais desenvolvidos, mas também nos países em desenvolvimento, trouxe impactos demográficos, pois com a redução da população de jovens o grande montante concentrou-se em outra faixa etária, a dos velhos, já que a expectativa de vida aumentou.

Deste modo, o envelhecimento tem se configurado como um grande desafio mundial e, neste sentido, Veras (2003) ressalta que:

“as questões relativas à terceira idade tem crescido em importância ultimamente, uma vez que o envelhecimento da população é um fenômeno global que traz importantes repercussões nos campos social e econômico, especialmente em países em desenvolvimento. (...) O envelhecimento da população mundial é um fenômeno novo, ao qual mesmo os países desenvolvidos ainda estão tentando se adaptar. O que era, no passado, uma marca de alguns poucos países, passou a ser uma experiência crescente em todo o mundo” (VERAS, 2003, p. 383)

De acordo com projeções da ONU, revisadas em 2006, referente a população mundial, entre os anos de 2005 e 2050, metade do aumento populacional será devido ao crescimento do número de pessoas com 60 anos ou mais. No contexto brasileiro, conforme dados divulgados pelo IBGE, através da Síntese de Indicadores Sociais (2006), o número de pessoas idosas de 60 anos ou mais foi superior a 18 milhões, em 2005, correspondendo a 10% da população do país. Dentre os Estados, o Rio de Janeiro foi o que apresentou a maior proporção de idoso, com 13,5%, seguido do Rio Grande do Sul, com 12,3%. O estado de São Paulo e de Minas Gerais tiveram mesma proporção, com 10,5%, havendo pouca diferença em relação a Paraíba, com 10,1%. Quanto ao Estado de Santa Catarina, este apresentou a proporção de 8,0%.

Portanto, tendo em vista a importância que esta discussão vem assumindo de algumas décadas para cá, observa-se o envolvimento e maior comprometimento de várias áreas profissionais que vem dedicando estudos às questões referentes ao envelhecimento. Dentre estas áreas é possível destacarmos as ciências biológicas, com a Medicina, privilegiadamente representada pela Geriatria; as ciências humanas; as ciências sociais; além de outras áreas um tanto mais focalizadas em sua atuação como o caso da Arquitetura, por exemplo, ao pensar estruturas que ofereçam maior comodidade e segurança nas residências de pessoas que encontram-se na faixa etária em questão.

Além disso, neste contexto tem conquistado relevância as contribuições da Gerontologia, por tratar-se de uma área do conhecimento que se ocupa especificamente do estudo daquilo que encontra-se no cerne do envelhecimento, buscando descrever mudanças características desse processo, bem como seus determinantes, tendo a sustentação de sua pesquisa alicerçada a partir de campos como a biologia e, também, no campo das ciências humanas e sociais.

1.2 Trajetória do envelhecimento no Brasil

Remetendo-se aos tempos coloniais, observando a concepção de velhice que aqui se estabelecia, constatava-se que esta assumia uma configuração tal que permitia reconhecê-la com duas faces. Isso porque, aos velhos que, ao longo de suas vidas, haviam conquistado ou herdado, fortuna e *status* social e que, portanto, exerciam influência e poder, a estes eram dispensadas

todas as honras e respeito. Em contrapartida, àqueles que viveram suas vidas mais modestamente ou que nada possuíam, a estes, então, não era concedido tal prestígio.

Com a dominação colonial a que foram submetidos aqueles que habitavam e vieram a habitar terras brasileiras, os valores e princípios, constituídos em decorrência de um processo de construção que teve como fonte as matrizes culturais advindas de nossos colonizadores, evidentemente tiveram repercussões nos campos político, econômico e social.

Durante muito tempo, o Brasil possuiu uma população predominantemente jovem. Por esta razão, políticas públicas e sociais voltadas ao atendimento de idosos eram pouco discutidas, ao passo que a centralidade das discussões figurava entre as questões relacionadas à infância e aos adultos.

Entretanto, com o envelhecimento demográfico que estamos presenciando, o Brasil deixa de ser um país de jovens, como durante algum tempo sustentou, e passa a tratar com maior atenção as questões referentes à velhice, que conquistaram maior espaço, experimentando avanços, inclusive, no que tange às políticas sociais. Embora, conjunturalmente, isto acarrete melhorias na qualidade de vida dos idosos, não se pode deixar iludir, uma vez que a realidade social deste país é marcada por notável desigualdade social e, por conta desta disparidade, observamos experiências diversificadas de velhice.

Conforme salienta Lima (apud AGUSTINI, 2003, p.129), “a condição de vida do idoso brasileiro é notoriamente desfavorável”, argumentando que além das mazelas sociais que indistintamente toda a população acaba enfrentando, por conta do atraso econômico, afirma que o velho sofre de maneira mais aguda as distorções de uma conjuntura injusta, de modo que nem o Estado, a sociedade, tampouco a família lhe prestam a assistência necessária, a qual tem direito⁴. Segundo Mazzilli (apud AGUSTINI, 2003, p.129), os problemas enfrentados pelos idosos são comuns aos que se encontram em classes sociais subalternizadas ou que sofrem algum tipo de discriminação.

No cenário mundial, um importante momento para os rumos do envelhecimento que, evidentemente, teve repercussões no Brasil, foi a realização do Congresso Mundial sobre Envelhecimento no ano de 1982, em Viena, sob a coordenação das Nações Unidas, que resultou na aprovação do primeiro Plano de Ação Internacional sobre Envelhecimento, a fim de orientar

⁴ Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Destaca-se: Art. 3º - É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

ações referentes a esta temática, apresentando soluções aos desafios encontrados ao se defrontarem com o progressivo aumento do número de idosos.

O Plano de Viena, então, correspondeu ao “primeiro instrumento internacional a cuidar do envelhecimento, guiando entendimentos e formulação de políticas e programas” representando um marco para a “formação da consciência universal de atenção ao longo”. (SILVA, 2007)

Assim, em suas diferentes seções, o documento criado em Viena dispunha acerca de elementos importantes como: *saúde e nutrição*, englobando aspectos referentes ao vínculo familiar, hospitalização do idoso, prevenção e o retardamento de doenças decorrentes do processo de envelhecimento e alimentação apropriada; *habitação e ambiente*, apontando a moradia adequada com localização e ambiente que facilitem a vida cotidiana como elementos de fundamental relevância; *relação entre os idosos e a família*, onde é reconhecida a importância desta como “célula fundamental da sociedade”, sendo o cuidado entendido como uma responsabilidade de todos e não unicamente das mulheres como tradicionalmente é possível observar; *proteção social às pessoas idosas*, buscando assegurar amplo cuidado aos idosos, tanto no campo preventivo quanto terapêutico, a fim de possibilitar a preservação da independência e autonomia dos sujeitos; *educação para idosos*, expressa como direito fundamental, a educação deve ser dada sem qualquer discriminação aos idosos e, além disso, o documento atenta para a necessidade de se educar a população como um todo a respeito do processo de envelhecimento. Destaca-se que, dentre as recomendações que constavam no referido Plano, a educação foi enfatizada como um direito humano básico.

No Brasil, a promulgação da Constituição Federal de 1988, em certa medida, representou um importante marco na trajetória de ações reivindicatórias por maior atenção no atendimento à pessoa idosa, ao dispor acerca do conceito de Seguridade Social. O conceito enfatiza uma noção ampliada de cidadania, com caráter universalizante, trazendo um conceito de proteção social baseado na integração de iniciativas do Poder Público e da sociedade, objetivando assegurar direitos relativos à saúde, previdência e assistência social. Deste modo, uma vez concretizados, segundo Haddad (2000), a partir dos objetivos a que se destina a seguridade social seria possível observar considerável avanço na condição de vida dos idosos, por configurar uma nova organização das políticas que sustentam tal sistema.

Ainda como um desdobramento do Plano de Viena, passados nove anos (1991), tivemos a adoção da Carta de Princípios da ONU para pessoas idosas, que compreendia os seguintes

princípios: independência, participação, assistência, auto-realização e dignidade. Outro desdobramento foi a consagração do Ano Internacional do Idoso, em 1999, celebrado por todos os setores da sociedade em todo o mundo.

Então, vinte anos mais tarde, foi traçado o segundo Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, em Madri, onde foram veiculadas novas recomendações que, de acordo com o que consta na publicação da Declaração Política do Plano de Madri, estariam, prioritariamente, norteadas por três direções, a saber: idoso e desenvolvimento, promoção da saúde e bem-estar na velhice e, ainda, criação de um ambiente propício e favorável de apoio e integração. Tendo esses direcionamentos como ponto de partida, uma série de recomendações foram acordadas, envolvendo questões desde participação ativa na sociedade e no desenvolvimento, passando por emprego e envelhecimento da força de trabalho, acesso ao conhecimento, à educação e à capacitação, até erradicação da pobreza, abandono, maus-tratos e violência, entre tantos outros temas discutidos.

Destaca-se que, recentemente, em dezembro de 2007, realizou-se em Brasília (DF), a II Conferência Regional América Latina e Caribe, reunindo representantes destes locais, para discutir o andamento da implementação das recomendações da ONU, expressas no Plano Madri (2002). Assim, esteve em pauta temas como saúde, educação, emprego, seguridade social, qualidade de vida dos idosos, entre outros.

Em decorrência da aprovação dos Planos de Ação Internacional sobre Envelhecimento e, portanto, da aceitação e comprometimento de diversas nações envolvidas em buscar adaptar-se às recomendações da ONU, assim como a própria Constituição Federal em vigor, tivemos a criação da Política Nacional do Idoso, no ano de 1994, sob a Lei nº 8.842 e, posteriormente, no ano de 2003 tivemos, então, a aprovação do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741), que veio conferir maior sustentabilidade à política social voltada aos idosos.

Contendo regras mais específicas, o Estatuto do Idoso representou um grande avanço, positivando direitos. Entretanto, a consolidação dos avanços previstos com a promulgação deste Estatuto, ainda não se mostra, suficientemente, capaz de responder a todas as demandas que emergem deste crescente segmento social a que se destina atender, ao buscar assegurar importantes direitos sociais que, em verdade, hoje ainda estão enfrentando dificuldades em sua aplicação.

Quanto à regulamentação da Política Nacional, além dos direitos já mencionados acima, temos também o respaldo da Política Estadual do Idoso, bem como a Municipal que dispõem, entre outros aspectos, acerca da criação dos respectivos Conselhos de Direitos, para que governo e sociedade civil, em participação paritária, possam atuar juntos no planejamento de políticas sociais que atendam as demandas sociais. No entanto, ressalta-se que a execução destas ações ficam a cargo das Secretarias de Estado Nacional, Estadual e Municipal. (BREDEMEIER, 2003)

Entretanto, antes mesmo da criação de políticas públicas voltadas à pessoa idosa, é importante ressaltar que existem algumas instituições de merecido destaque por sua atuação na trajetória do envelhecimento no Brasil, a começar pelo Serviço Social do Comércio (SESC), pioneiro no trabalho social com idosos no país, seguido das Universidades Abertas a Terceira Idade, além da Associação Nacional de Gerontologia e Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No que se refere a SBGG, esta foi criada em 1961, na cidade do Rio de Janeiro, a partir da iniciativa de um grupo de profissionais que, atentos às transformações demográficas que levariam o Brasil a deixar de ser um país jovem, identificaram a necessidade de preparar-se tanto técnica quanto cientificamente, para o enfrentamento do desafio de garantir qualidade de vida aos idosos. Trata-se de uma associação civil, sem fins lucrativos, que objetiva congrega profissionais com interesse em Geriatria e Gerontologia, buscando estimular e apoiar o desenvolvimento e a divulgação do conhecimento científico na área do envelhecimento.

Outra importante instituição é a Associação Nacional de Gerontologia do Brasil (ANG), fundada em 1985. Com atuação em âmbito nacional, possui representações em diversos Estados brasileiros e no Distrito Federal e desenvolve ação política e técnico-científica junto a órgãos públicos, entidades privadas e comunidade em geral. Atua na produção e socialização do conhecimento técnico científico, além do expressivo engajamento desta instituição na luta pela garantia de melhores condições de vida para essa população. Ademais, ao longo de sua trajetória, realizou importantes contribuições para elaboração e aprovação de políticas direcionadas ao idoso.

Além destas, há que se destacar o importante e pioneiro trabalho desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina, na área do envelhecimento, a partir da criação do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), por ter sido o primeiro programa brasileiro para idosos que pode ser reconhecido como de extensão universitária. Este foi fundado em 1982, e no decorrer

dos anos tem proporcionado, através de suas ações, maior valorização e, até mesmo, qualidade de vida aos idosos participantes. O NETI, no período de 1982 a 2000 foi coordenado pela Assistente Social Neusa Mendes Guedes, Especialista em Gerontologia e idealizadora do Núcleo. Ressalta-se, portanto, a participação de Assistentes Sociais a frente deste núcleo, entre os diferentes projetos nele desenvolvidos. Entre os principais objetivos de tal núcleo de estudos estão: servir como referência para divulgação de conhecimentos técnico-científicos em gerontologia; bem como contribuir na qualificação de recursos humanos, possibilitando um melhor atendimento à terceira idade e suas necessidades.

A inserção do SESC no cenário Gerontológico brasileiro, na década de 60, trouxe grandes contribuições para a formação de recursos humanos na área da Gerontologia, permitindo ser comparado em importância com a SBGG, segundo Neri et al (2004). Contudo, no que se refere a este empenho para promover o despertar da sociedade brasileira para as questões relacionadas ao estudo do envelhecimento, embora tanto o SESC quanto a SBGG tenham sido de fundamental importância neste movimento, por terem obtido êxito em suas iniciativas passaram, então, a dividir suas tarefas com a Universidade, a medida que diferentes áreas do conhecimento interessaram-se pelas discussões pertinentes ao envelhecimento. Deste modo, no final da década de 90, a Gerontologia ganha espaço entre os programas de pós-graduação, ou seja, passou a ser reconhecida pela Universidade enquanto uma nova especialidade. Assim, surgiram os programas de Pós-Graduação oferecidos no Rio Grande do Sul, com Mestrado e Doutorado, e em São Paulo pela UNICAMP e PUC, que também oferecem Mestrado e Doutorado.

Todavia, embora sejam de grande importância os avanços que tivemos no sentido de trazer a tona os assuntos concernentes a temática do envelhecimento instigando o debate em diferentes áreas profissionais, especialmente no campo da Gerontologia que vem firmando seu espaço neste percurso, é necessário observar que ainda há muito a se fazer, uma vez que, como nos diz Neri et al (2004), estamos ainda no começo do processo de formação de recursos humanos, em pesquisa e na prática profissional. A mesma autora, alerta que o sucesso dependerá da efetividade das respostas fornecidas aos problemas reais associados ao envelhecimento, sob a ótica da saúde pública, da seguridade social, do bem-estar psicológico, da cultura e do lazer.

Considerando esta trajetória de afirmação da temática, que vem impactando significações sociais atribuídas a questão da velhice, exige atentarmos e analisarmos as diferentes faces que a constituem, sendo que não se pode perder de vista uma categoria importante neste processo que é

a representação de si, ou seja, não há como relegar a importância e repercussões da construção da auto-imagem do idoso, uma vez que as imagens e significações atribuídas socialmente aos velhos incidem sobre estes de maneira tal que acabam incorporando-as.

“Entretanto, em meio às imagens e representações negativas do envelhecimento, percebe-se o surgimento de uma nova realidade social em que ganha força uma nova imagem do envelhecimento, vislumbrando-se ações e programas públicos que atuam na perspectiva de transformação e reversão da imagem negativa e estigmatizadora da mesma. [...] Inserido nesse processo de transformação se encontra o indivíduo idoso, sujeito agente desse processo, que pode contribuir através de sua inserção em atividades políticas, culturais e sociais, conscientes de sua importância e participação na preservação da memória e identidade, para construção e expansão de um novo imaginário que substitua, ainda que de forma gradativa, a velha imagem do homem idoso e do envelhecimento.” (SANTANA & SENA, 2003, p. 51)

Portanto, ainda segundo a ótica dessas autoras, “a formação de um novo imaginário social da velhice possibilita a construção de novas representações sobre a mesma e, conseqüentemente, outro olhar sobre os indivíduos envelhecidos”. Deste modo, a partir dessas mudanças é possível pensar a configuração de uma nova trajetória para o envelhecimento em nossa sociedade – embora, se comparada a outras sociedades, nossos idosos já usufruam, em parte, de um cenário menos penoso – haja vista que tais transformações têm reflexos na representação individual dos idosos, posto que “a imagem do mundo e a imagem de si mesmo estão evidentemente ligadas”. (CASTORIADIS apud SANTANA & SENA, 2003, p. 52)

1.3 Envelhecimento e educação

Visto que no processo de envelhecimento, além de todas as transformações físicas e biológicas inerentes a ele - grande parte já anteriormente mencionadas - em sua maioria, a população de idosos depara-se com outros tantos desafios como, por exemplo, a chegada da aposentadoria, que compreende um momento de transição e que requer certa adaptação até que se estabeleça uma nova rotina de vida. É neste momento que o idoso, ao deparar-se com novas contradições, deve seguir explorando suas potencialidades, vislumbrando novos projetos de vida, muitas vezes, aproveitando esta fase para realizar antigas aspirações que em outros momentos não lhes foi possível.

Vale destacar que, ao contrário do que se possa pensar, a aposentadoria pode abrir um vasto campo de possibilidades ao idoso. Entretanto, na realidade brasileira, a aposentadoria para grande parte da população tem implicações negativas e que, aos olhos de muitos, a presença do idoso em casa é associada a um problema ou incômodo, entre tantos outros fatores que sobrecarregam a imagem do idoso socialmente (limitações físicas, conflitos intergeracionais, perda salarial, entre outros).

Entretanto, se pensarmos a velhice com um olhar mais abrangente, buscando ressaltar e re-criar espaços que privilegiem o convívio social, que propiciem o reconhecimento das potencialidades do idoso, resgatando seus talentos, favorecendo troca de experiências e saberes, permitindo a socialização de conhecimentos, entre outros, certamente será possível vivenciar a velhice de forma mais participativa e atuante, contrapondo-se a lógica da exclusão.

Esta perspectiva ampliada sobre o envelhecimento configura um significativo e sustentável ponto de partida para que novas políticas sociais possam ser pensadas, a fim de melhor atender às necessidades dos velhos, se norteadas por categorias como educação, saúde, esporte e lazer. Porém, salienta-se que tais políticas não serão suficientemente capazes de dar conta de outras questões, não menos importantes e de grandes impactos, como é o caso da desigualdade social, tão presente no contexto social de nosso país.

Conforme Neri (2003, p. 92-93), “ao envelhecer as pessoas confrontam-se com novos desafios e novas exigências”. Além disso, a autora ressalta que “as limitações físicas são acrescidas àquelas que a sociedade coloca, como os preconceitos e estereótipos” e, portanto, entende que o grande desafio é estar permanentemente construindo o próprio caminho, bem como buscar atitudes que possibilitem superar as dificuldades encontradas, a fim de conquistar maior qualidade de vida. A autora destaca ainda que, basicamente, a partir de estudos sobre envelhecimento bem-sucedido, ao pensar qualidade de vida na velhice, devem ser considerados elementos referentes aos aspectos de ordem econômica, ao “desenvolvimento e adaptação da pessoa por meio da educação contínua e adaptações sociais” e, por fim, à plasticidade individual e social relacionadas às questões da velhice.

Deste modo, segundo a referida autora, a educação continuada toma a cena e mostra-se como um dos meios que possibilitam a superação de muitos dos desafios impostos aos idosos, tanto os decorrentes da idade quanto os que são lançados pela sociedade.

Portanto, diante dos múltiplos desafios com que se defrontam os idosos, é possível reconhecer na educação um importante aliado no enfrentamento de alguns desses desafios. Isso porque, a educação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano, oportunizando o crescimento contínuo dos sujeitos em diferentes dimensões de suas vidas.

Segundo o relatório encomendado pela UNESCO⁵, sobre a educação para o século XXI, concluído em 1996, a educação deve ter como base de sustentação quatro elementos fundamentais. O primeiro deles atenta para a necessidade de se valorizar a curiosidade, de permitir se pensar o novo, reinventar, tornando o aprendizado muito mais prazeroso em todo seu processo. Deste modo, o mesmo, constitui-se a partir da compreensão, descoberta, construção e reconstrução do conhecimento. Além disso, outro elemento refere-se ao dinamismo com que evoluem as profissões, ressaltando a importância de se saber trabalhar coletivamente, da comunicação e da flexibilidade, entendendo que a competência pessoal sobrepõe-se a simples qualificação profissional. Este elemento nos remete a outra discussão bastante presente atualmente que é a reinserção de idosos no mercado de trabalho, motivando a busca do conhecimento enquanto processo de atualização destes idosos.

O terceiro elemento apontado no referido relatório, corresponde a importância e valorização daqueles que sabem conviver com outras pessoas, sabendo compreender os outros e tendo prazer no esforço comum, salientando a necessidade de aprendermos a viver juntos. E, por fim, o quarto elemento aborda a importância do desenvolvimento de certa sensibilidade envolvendo ética, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, sem desperdiçar potencialidades.

Acredita-se que a educação, pensada a partir da experiência de vida acumulada ao longo dos anos e que, portanto, compreende a história pessoal e os conhecimentos adquiridos nessa trajetória, possa trazer significativos avanços no sentido de potencializar os saberes obtidos durante o curso de vida dessas pessoas que buscam estar em constante aprendizado e envolvidas em um processo de atualização.

Neste sentido, nos interessa esclarecer que ao utilizarmos o termo atualização, não o fazemos pela perspectiva de que os conhecimentos acumulados ao longo da vida destes sujeitos estejam ultrapassados, ganhando uma conotação de reciclagem. Ao contrário, entendemos

⁵ No português, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

atualização como processo que possibilita ao idoso significativos ganhos na experiência de sua velhice, buscando resgatar o conhecimento acumulado e fazendo associações com as transformações e avanços, inclusive, tecnológicos, atualmente presentes na vida cotidiana.

Cabe ainda destacarmos que estamos tratando a construção do conhecimento, considerando não somente a educação formal, mas também - e principalmente - a educação informal que, igualmente, tem contribuições a fazer nesse processo. Trabalhando a partir dos conceitos trazidos por Palma e Cachioni (2005, p. 1102), a educação formal pode ser entendida como a que acontece de forma intencional nos centros educativos, enquanto que a educação informal corresponde às instituições, atividades, âmbitos escolares a fim de “satisfazer determinados objetivos educativos e que se realiza mediante processos específicos diferenciados, mas não circunscrita à escolaridade convencional”.

Não obstante, na educação para idosos é de fundamental importância conhecer os interesses deste público, uma vez que isso facilita a assimilação do que está sendo trabalhado e isto acaba repercutindo na motivação dessas pessoas. Complementam ainda, salientado que no processo de ensino-aprendizagem deve-se privilegiar o aluno como sujeito de seu próprio aprendizado e que é preciso se estimular a convivência por meio de atividades e criar um ambiente em que o idoso sinta-se livre para avaliar e criticar sem receio de se expor.

Em relação a isso, Santos e Sá (2003), ressaltam alguns pontos chave para a educação de alunos idosos, a começar pela baixa auto-estima e desvalorização pessoal decorrentes das diversas perdas de diferentes ordens que, comumente, ocorrem na velhice. Outra questão importante refere-se ao grau de exigência, não só consigo, mas com outros também, que nesta fase da vida passa a ser muito maior havendo grande preocupação para que a realização de tarefas, sejam quais forem, tenham maior exatidão.

Salgado (2007) avalia que nem sempre é possível que os conhecimentos adquiridos nas etapas jovem e adulta do ciclo de vida sejam suficientes para vivenciar as necessidades que emergem com a velhice. Acredita que, inclusive, a complexidade dos novos tempos requer um novo aprendizado, por vezes incorporando e em outras desprezando alguns conceitos, possibilitando uma melhor adaptação às mudanças.

E, portanto, segundo o entendimento deste autor,

“Educar o idoso significa educar para a velhice, ou seja, preparar para que o indivíduo compreenda o próprio processo de envelhecimento, aceite e trabalhe de acordo com suas limitações, perceba a sociedade em transformação e

encontre a forma mais adequada de se posicionar perante todas essas circunstâncias.” (SALGADO, 2007, p. 75)

Assim, a partir disso aponta três intencionalidades fundamentais ao pensarmos em educação para idosos, as quais denomina como: educação para aceitar, educação para aprender e educação para esquecer.

Quanto à educação para aceitar, refere-se ao sistemático processo de perdas com que se deparam os idosos e, por isso, aceitar as perdas e modificações decorrentes da velhice representam uma forma de adaptar-se a esse tempo, percebendo possibilidades e limites para que seja possível interagir racionalmente com a realidade.

Em relação à educação para aprender, o autor salienta que a adequada adaptação do idoso ao tempo do envelhecimento está relacionada ao nível de compreensão do mundo e da sociedade em que vive. Deste modo, “a disponibilidade constante de apreender independentemente da idade é a condição essencial para a participação social”, pois assim o indivíduo assume maior interesse e comprometimento com as questões e momentos atuais da sociedade. (SALGADO, 2007, p. 76)

Já a educação para esquecer enfatiza que um envelhecimento saudável depende, sobremaneira, da capacidade de se desprender de valores e de informações envoltos por conteúdos preconceituosos e estigmatizantes, assim como de fatos constrangedores e situações negativas vivenciadas em outros momentos da vida. Logo, desvencilhar-se das recordações de vivências negativas, representa a abertura para novas experiências e uma existência mais livre, em “um estado mais consciente e emancipado, liberto de preconceitos que cercam a velhice”. E, neste sentido, através da educação é possível oportunizar que o idoso siga por caminhos como estes. (SALGADO, 2007, p. 77)

Portanto, reconhecer a importância e contribuições da educação no processo de envelhecimento, pode significar a reafirmação de que:

“As pessoas idosas podem e devem prolongar suas possibilidades de autonomia, mesmo que haja restrições à independência. Pessoas parcialmente incapacitadas fisicamente, por exemplo, devem ser estimuladas a manter as atividades que são capazes de executar, pois isso melhora sua auto-estima e ajuda a manter significado em suas vidas.” (NERI, 2003, p. 99)

Portanto, a partir desta perspectiva exposta pela autora, entende-se que programas educacionais para idosos, proporcionam a ampliação de sua rede de relacionamentos, os despertam para novos projetos de vida e, deste modo, reforçam o desejo de aprender, levando-os

a ter maior entusiasmo pela vida, repercutindo positivamente na auto-estima dessas pessoas e auxiliando-as a superar e enfrentar os desafios com que se defrontam.

Percebe-se que a educação, mais que um direito constitucionalmente assegurado, vem configurando um importante meio para re-inserção social destes, permitindo que através da re-socialização e acesso a novos conhecimentos, estejam partilhando saberes e possam conquistar novos espaços, superando os preconceitos e estereótipos comumente atribuídos pela sociedade. E mais do que isso, antes, há também um processo de aceitação e valorização pessoal seguido da recuperação da auto-estima.

Buscando destacar experiências bem sucedidas no campo da educação informal para idosos, reservamos um item desta subseção para tratarmos das chamadas Universidades e, também, Escolas Abertas a Terceira Idade.

1.3.1 Universidades e Escolas Abertas a Terceira Idade

Ainda que para efeito de melhor compreensão, antes de prosseguirmos, cabe pontuar a linha tênue que diferencia os termos “educação permanente” e “educação continuada”, que estaremos trazendo ao longo do presente estudo.

Deste modo, Liberato (1996), conceitua a educação permanente como aquela que se processa no decorrer da vida toda, escolarizada ou não, salientando que trata-se de um direito garantido constitucionalmente.

Já com relação a educação continuada afirma que, embora sigam a mesma linha, a proposta desta, volta-se à “democratização do conjunto do sistema educativo”, de modo a possibilitar que qualquer pessoa, indiferente de sua faixa etária, possa ter acesso a esse sistema. Além disso, a autora ressalta que “a educação continuada especificamente voltada para adultos” deve considerar aspectos como o comportamento emocional, motivações e interesses, buscando “privilegiar o aluno como sujeito de seu próprio aprendizado”, trabalhando-se as capacidades e aptidões deste aluno.

Um importante e substancial exemplo de trabalho em educação continuada, em nosso país, são as Universidades Abertas a Terceira Idade, que vem desempenhando um importante papel na educação para idosos. O berço das, então chamadas, Universidades do Tempo Livre foi

a França, em meados da década de 60, buscando proporcionar um espaço para a realização de atividades culturais, bem como favorecer a sociabilidade.

Com o crescimento e expansão de iniciativas neste sentido, não só na França, mas em outros países europeus, embora diferissem quanto ao funcionamento dos programas desenvolvidos, foi a experiência francesa que inspirou iniciativas semelhantes no Brasil, ainda na década de 60. Isso porque, profissionais do Serviço Social do Comércio interessados pelo trabalho desenvolvido em território francês foram até lá, a fim de conhecê-lo melhor.

Por isso, destaca-se que as primeiras iniciativas voltadas para educação de idosos foram introduzidas no país através do SESC de São Paulo, com a chamada “Escola Aberta da Terceira Idade” que, em verdade, era uma adaptação do trabalho precursor desenvolvido na França - o projeto “*Les Universités du Troisième Âge*” - ao qual puderam aproximar-se mais durante o intercâmbio, acima mencionado. As Escolas Abertas da Terceira Idade tiveram início na década de 70, onde desenvolviam-se cursos estruturados a fim de proporcionar a atualização dos idosos permitindo que estes passassem a ser mais atuantes socialmente.

Do mesmo modo, as Universidades Abertas resgatam direitos e cidadania dos idosos, bem como promovem espaços para debate e reflexão, tornando-os mais críticos, além da socialização e convívio social que a formação grupal proporciona. Isso porque, a proposta não é simplesmente preencher o tempo livre desses idosos, mas sim “procura-se transmitir os conceitos mais atuais, objetivando com isso sua valorização como cidadão” (VERAS, 2003, p. 389).

2 SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO E O TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS

2.1 Resgate Histórico Institucional e o Trabalho Social com Idosos

O SESC- Serviço Social do Comércio, é uma Instituição Pública de Direito Privado, que surgiu a partir de uma proposta de criação do Conselho Nacional do Comércio, advinda da aprovação da Carta da Paz Social - documento elaborado pela Conferência das Classes Produtoras, em Teresópolis, o que foi um marco nas relações capital e trabalho - submetida por várias organizações sindicais ao, então Presidente do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, de onde se originou o SESC, no Rio de Janeiro, em 13 de setembro de 1946. Em Santa Catarina, a trajetória da Instituição teve início com a criação do Conselho Regional em Florianópolis, em 29 de setembro de 1948.

O SESC não depende jurídica nem administrativamente das esferas Federal, Estatal e Municipal. É uma Instituição mantida pelos empresários do comércio de bens e serviços, voltada para o bem-estar de sua clientela, que compreende comerciários e seus dependentes, mas que em algumas atividades oferecidas estende-se também à comunidade em geral. Sua atuação tem abrangência no desenvolvimento de ações nas áreas de assistência, saúde, educação, cultura e lazer.

Entre as finalidades da Instituição está a de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores no comércio e seus dependentes; bem como, trazer contribuições também no âmbito de suas áreas de ação, para o desenvolvimento econômico e social, participando do esforço coletivo para assegurar melhores condições de vida para todos.

O SESC tem como objetivos gerais: fortalecer, através da ação educativa, propositiva e transformadora, a capacidade dos indivíduos para buscarem, eles mesmos, a melhoria de suas condições de vida; oferecer serviços que possam contribuir para o bem-estar de sua clientela e melhoria de sua qualidade de vida; contribuir para o aperfeiçoamento, enriquecimento e difusão da produção cultural.

No tocante ao trabalho social com idosos, segundo o documento onde consta a sinopse de trabalho na referida área, destaca-se que:

“O Trabalho Social com Idosos , no SESC, efetua-se através de ações centradas nos interesses e características dos idosos das diferentes regiões do país e estão voltadas, primordialmente, para sua socialização, promoção da auto-estima, reconstrução da auto-imagem e da autonomia levando-os a integrarem-se, como cidadãos, à comunidade.”

Assim, conforme o que já fora brevemente exposto acerca do trabalho social com idosos desenvolvido por esta instituição, devido a sua expressiva atuação no atendimento a essa faixa etária, conquistou um reconhecimento tal que lhe confere uma posição de destaque entre os que desenvolvem trabalhos na área do envelhecimento e da velhice. Deste modo, vale a pena resgatar, ainda que resumidamente, a trajetória do referido trabalho com idosos, realizado nesta instituição.

Atento às transformações demográficas que começavam a apontar para um crescimento populacional de idosos até então nunca experimentado, o SESC, que tem como finalidade promover o bem-estar dos Comerciantes e seus dependentes objetivando propiciar maior qualidade de vida, cidadania e inclusão social, começou a perceber a necessidade de criação de espaços para convívio e socialização de idosos, iniciando então, o trabalho social com idosos.

Deste modo, primeiramente reconheceu-se a inexistência de iniciativas que tivessem como foco a atenção ao idoso que, naquele momento, encontrava-se à margem da sociedade envolto por estereótipos e preconceitos. Ademais, observou-se o crescente número de idosos, em sua maioria aposentados, que já circulavam entre atividades oferecidas no SESC, ainda que não fossem especificamente voltadas a esse público em particular. Dado esse contexto, que nada mais era do que a expressão de um prenúncio do que os idosos começavam a mostrar ser necessário, acabou despertando no SESC a preocupação com o risco de isolamento social desses idosos, em particular com a marginalização a que eram submetidos pela sociedade. Assim, no ano de 1963, criou-se o primeiro grupo de convivência no SESC São Paulo, idéia posteriormente difundida entre diversas outras Unidades desta Instituição.

Então, buscou-se sistematizar o desenvolvimento do trabalho social com idosos a partir de uma perspectiva de valorização social, estimulando o convívio social, a troca de experiências, visualização de novos projetos de vida, tendo como horizonte a reafirmação de direitos e exercício de cidadania. Deste modo, o trabalho pioneiro do SESC foi ganhando maior força e expressão no decorrer dos anos que se seguiram, sendo ainda atualmente, referência no atendimento a este segmento. E, deste modo, pode-se afirmar que o SESC, correspondendo aos objetivos a que se destina enquanto Instituição, ao buscar atender a demanda emergente de um

segmento populacional em seus primeiros sinais de expansão, marcou significativamente a trajetória de ações de atenção a pessoa idosa em nosso país. Em função desta trajetória marcante, o SESC possui cadeira no Conselho dos Direitos do Idoso em todas as suas esferas, qual seja, Nacional, Estadual e Municipal, compondo o quadro de representantes da sociedade civil.

Naturalmente, ao longo dos anos, o trabalho desenvolvido pela Instituição em questão, foi passando por reformulações, reestruturando-se de acordo com as necessidades e interesse do público alvo que eram atendidas a partir das diversas ações desenvolvidas de acordo com os diferentes projetos que foram sendo criados.

Em Santa Catarina, o trabalho com grupos no SESC, teve início em meados da década de 70, iniciando primeiramente com um grupo de mães e, algum tempo depois, com a criação do primeiro grupo de convivência para idosos, do Centro de Atividades do SESC de Florianópolis. Tal grupo, formado por casais, até hoje ainda compõe o quadro de grupos de convivência da Instituição, que atualmente é constituído pelo número de dez grupos desta natureza, havendo outros quatro referentes a outros projetos desenvolvidos na Unidade em questão.

Entretanto, embora trabalhos como o desenvolvido pelo SESC sejam extremamente valorosos, se faz necessário salientar que o Estado não pode isentar-se de suas responsabilidades no que se refere à atenção voltada a esta parcela da população. A consolidação de políticas sociais e públicas, condizentes com a demanda que emerge deste segmento, são indispensáveis no trato da questão social que envolve a velhice e o envelhecimento.

2.2 Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade – GRUPATI

Considerando a estrutura organizacional da Instituição, na área de Assistência, temos o Programa da Terceira Idade do SESC, que tem como objetivo valorizar e estimular a participação do idoso, de modo que este esteja em constante aprendizado e socializando conhecimentos. Dentro deste programa, na esfera da execução que é realizada por Assistentes Sociais, encontramos o Trabalho com Grupos, que envolve abordagens diferenciadas dependendo em qual enquadramento encontra-se o grupo atendido, pois existem diferentes projetos em execução.

Destaca-se que o trabalho realizado neste programa está dividido em três núcleos, a saber: o Núcleo de Vivência, com o objetivo de trabalhar as relações interpessoais, onde encontramos os Grupos de Convivência em que os idosos participam de atividades físicas, dinâmicas de grupo, debates acerca de assuntos de seu interesse, relações interpessoais, etc.; o Núcleo de Motivação a Vida, objetivando propiciar condições para que o idoso sintam-se atuante e valorizado, adquirindo novas habilidades, contando com Projetos Especiais, tais como: Idoso em Movimento, Programação do Mês do Idoso, palestras, seminários, fóruns, etc.; e o Núcleo de Estudos e Atualização, que tem como objetivo promover reflexões, debates e vivências com profissionais de diversas áreas, onde temos o Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade (GRUPATI), ao qual se refere o presente estudo.

Assim, entre as diversas ações desenvolvidas no centro de atividades do SESC – SC, Unidade Florianópolis, encontra-se o Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade – GRUPATI. Sua criação data da segunda metade do ano de 1998 e, inicialmente, este trabalho tinha duração de seis meses. Sua proposta ofertava aos idosos, em sua programação, noções básicas referentes a Matemática, Português, História, Geografia, bem como prevenção de doenças, direitos da pessoa idosa, além de discussões e reflexões acerca dos aspectos sociais e psicológicos quanto ao processo de envelhecimento.

Entretanto, este projeto passou por uma reestruturação, com vistas ao atendimento das demandas e interesses dos usuários, de modo que o tempo de duração passou a ser de um ano e, posteriormente, estendeu-se este tempo para dois anos. Porém, o grupo em sua formação atual - que configura o universo de pesquisa deste estudo - teve seu tempo de duração estendido, concluindo suas atividades no período de três anos.

Nos moldes atuais, o GRUPATI trata-se de um grupo que tem como principal objetivo a aquisição de novos conhecimentos aliada a troca de experiências entre os envolvidos, visando proporcionar um ambiente favorável a construção do saber. Deste modo, o aprendizado se dá privilegiando as experiências de vida dos participantes, ou seja, acontece respeitando e resgatando histórias de vida que contribuem de forma significativa, não só para o aprendizado em si, mas, também, para valorização social destes sujeitos.

Neste sentido, Salgado (2007) salienta que o trabalho de ação grupal traz consigo os “princípios básicos da educação e da auto-ajuda como apoio mútuo, estimulando a ação de todos”, tanto para compreender suas dificuldades quanto para encontrar soluções para os

problemas com que se deparam. Além disso, o autor ressalta que o ponto alto do trabalho de grupo é permitir que os indivíduos modifiquem-se a partir de sua interação com os demais. Verifica-se, também, que o mesmo processo ocorre com o grupo sempre que recebe um novo membro. Assim, mostra-se relevante complementarmos com o que nos diz Deps (2003), ao afirmar que “compartilhar de atividades grupais com pessoas da própria geração favorece o bem-estar do idoso porque facilita a emergência de significados comuns e maior aproximação interpessoal”. Cabe acrescentarmos que, por grupo, entendemos o conjunto de pessoas que interatuam em uma situação determinada com objetivo comum. (SESC, 2007)

De acordo com a proposta do GRUPATI, com vistas aos seus objetivos, mais do que propiciar maior interação entre os integrantes do grupo, favorecendo a troca de experiências e valorizando a história pessoal dos sujeitos envolvidos, acredita-se que é possível estimular que os idosos conquistem um *status* de agentes multiplicadores dos diferentes saberes a que tem acesso nos encontros do grupo. Além disso, o potencial criativo dos integrantes também é estimulado, afirmando-o enquanto um elemento enriquecedor neste processo de aprendizagem contínua.

Evidentemente, as relações interpessoais têm repercussões neste espaço de aprendizagem e, portanto, a integração e socialização entre os membros do grupo são de fundamental importância para o sucesso das atividades propostas neste processo de construção do saber.

Logicamente, propiciar condições para que o idoso possa atuar de forma mais participativa na sociedade, conquistando novos espaços, trata-se de um aspecto também contemplado entre as metas presentes no projeto deste grupo que oportuniza ao idoso uma maior aproximação com as novas tecnologias, mas isso sem deixar de resgatar o passado, para que se possa estabelecer relações e leituras dos diferentes momentos sócio-históricos que os participantes do grupo vivenciaram.

No que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento das atividades realizadas junto ao GRUPATI, podemos destacar a periodicidade dos encontros grupais, que é semanal, onde através de vivências e oficinas diversas – respeitados os interesses do grupo –, discussões e debate, bem como passeios culturais, busca-se proporcionar um ambiente que favoreça a construção do conhecimento, aproximando a realidade dos sujeitos envolvidos às ações desenvolvidas no grupo.

Para tanto, a programação de atividades deste grupo contempla discussões e debates acerca da auto-estima, elemento de significativa importância no processo de aprendizagem;

questões referentes ao processo de envelhecimento, propiciando maior compreensão e aceitação a respeito; aproximação com novas tecnologias; resgate das histórias de vida, estimulando a troca de experiências; temática de debate envolvendo etnias e preconceitos; estudo abordando a Política Nacional do Idoso, bem como o Estatuto do Idoso; incentivo ao exercício de cidadania; resgate de fatos e lugares históricos, com a organização de passeios para visitação; educação em saúde; educação ambiental; além de atividades que estimulem o raciocínio lógico e memória, entre outras.

Tendo em vista estes conteúdos, vale destacar o que nos diz Bruno (2003), ao colocar que é comum encontrarmos pessoas que durante toda sua vida não tiveram condições que proporcionassem a elas a possibilidade de fazerem uma reflexão sobre o significado de ser cidadão. Assim, a autora complementa afirmando que:

“como é possível começar a exercer a cidadania em qualquer etapa da vida, espaços que possibilitam a educação para a cidadania, como as universidades abertas à terceira idade, centros de convivência, grupos de reflexão, entre outros, têm levado os idosos a se perceberem e serem fortalecidos na sua condição de cidadãos, sujeito de direitos.” (BRUNO, 2003, p. 75)

A partir disso, a autora reconhece na oportunidade do encontro com o grupo a possibilidade de um despertar para um olhar mais crítico que os permite questionar certas “verdades” que lhes foram transmitidas, levando-os a repensá-las e não mais simplesmente reproduzi-las sem antes reavaliar e desenvolver, com criticidade, sua opinião a respeito de determinado assunto. Este despertar é, na verdade, um abrir dos olhos ao tirar a venda que ao longo de suas vidas não os permitia enxergar para além do que lhes era imposto como certo ou errado.

Deste modo, projetos como o GRUPATI, assumem expressiva relevância frente a necessidade de trazer a tona discussões e reflexões indispensáveis para que os idosos possam reconhecer-se enquanto cidadãos portadores de direitos, favorecendo e estimulando-os a colocar em prática o exercício de sua cidadania.

Estes elementos serão melhor abordados em nossa próxima seção, na qual nos dedicaremos a dar visibilidade à fala dos sujeitos que participaram de nossa pesquisa exploratória.

3 A EDUCAÇÃO CONTINUADA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS SUJEITOS

3.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

A educação, tem se mostrado um importante meio para o alcance e promoção de maior qualidade de vida, proporcionando uma velhice saudável, mais atuante e participativa aos idosos (SALGADO, 2007; NERI, 2003). Assim, estes elementos por si só já sinalizam a importância da atuação do Serviço Social a frente de projetos voltados a educação continuada para idosos, enquanto fomentador deste processo.

A motivação para realização desta pesquisa exploratória advém do interesse em identificar qual a compreensão dos idosos acerca do processo de educação continuada em que estão envolvidos. Deste modo, além de nos concentrarmos na busca por identificar tal compreensão, nosso foco segue, ainda, pela via de que repercussões podem causar as informações que este sujeito acessa - ao estar em busca de novos conhecimentos - em relação a si e aos grupos com os quais convive. Isso porque, acredita-se que desta maneira o idoso conquista um *status* de agente multiplicador dos diferentes saberes a que tem acesso.

Para alcançarmos os objetivos que motivaram este estudo, optamos pela realização de pesquisa exploratória, que segundo Gil (2007, p. 43-44) “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado tema”. Por esse motivo, o autor acrescenta que “muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla”. O mesmo autor acrescenta ainda que, “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”. Quanto a análise dos dados, foi realizada de forma quanti-qualitativa. Assim, este estudo compreendeu as seguintes etapas de pesquisa: bibliográfica, documental e empírica.

Para realização de entrevistas, optou-se pela modalidade semi-estruturada, além da aplicação de um questionário a fim de obter elementos para maior aproximação às características dos entrevistados, buscando conhecermos, ainda que brevemente, quem são estes sujeitos. Quanto às entrevistas, tiveram como roteiro de perguntas norteadoras as que se seguem:

- 1) O que vem significando em sua vida a participação no GRUPATI?
- 2) Os conhecimentos adquiridos no GRUPATI possibilitaram mudanças em sua vida? Se sim, que conhecimentos e quais mudanças?
- 3) Que importância você atribui à inserção de idosos em grupos para estudos e atualização, como o GRUPATI?
- 4) Você percebe que os conhecimentos adquiridos no GRUPATI vem contribuindo por uma qualidade de vida cidadã para os idosos que integram este grupo?
- 5) Você encontrou desafios na realização das atividades propostas no GRUPATI? Se sim, como fez para enfrentá-los?
- 6) Que temáticas ou atividades você julga importante e sugeriria que fossem trabalhadas no GRUPATI?

Conforme Minayo (1992), por Pesquisa podemos entender:

“a atividade básica das Ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.” (1992, p. 23)

Já para Gil (2007), é possível definir Pesquisa como:

“o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. A partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.” (2007, p. 42)

Destaca-se que a realização da pesquisa se deu junto ao Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade - GRUPATI, do SESC-SC, composto por 25 membros. Assim, estabelecemos alguns critérios para participação destes membros na pesquisa. Convencionou-se que do universo de 25 pessoas, apenas as que tivessem a partir de 75% de frequência nos encontros do grupo e tivessem um tempo de permanência superior a um ano, estariam aptas a participar da pesquisa.

Realizado este procedimento junto ao cadastro do grupo, identificamos 18 integrantes que satisfaziam os critérios para participar da pesquisa. A partir deste número, definimos a amostragem de 75% do universo de sujeitos aptos a participarem, resultando o total de 13 pessoas a serem entrevistadas.

Então passamos para a etapa de contato com a população alvo de nossa pesquisa onde, em um primeiro momento, a partir de uma abordagem grupal, nos foi concedido um espaço para expormos ao grupo os objetivos e a importância da participação do mesmo na pesquisa. Assim, foi possível sanar dúvidas quanto a essa participação, de modo que alguns, de imediato,

prontificaram-se a dar sua contribuição. E, portanto, neste dia já nos foi permitido agendar algumas entrevistas. Entretanto, após esta primeira aproximação e devidos encaminhamentos, em função do adiamento de algumas entrevistas, tivemos uma nova abordagem via contatos telefônicos, objetivando conciliar novas datas.

O maior elemento dificultador encontrado para a realização da pesquisa consistiu na disponibilidade restrita para agendamento de entrevistas. Isso se deve, em grande parte, ao fato desta etapa da pesquisa ter coincidido com as comemorações de final de ano dos diferentes grupos aos quais os idosos pertencem, havendo farta programação de passeios, viagens e encontros comemorativos. A realização das entrevistas compreendeu o período de 29 de novembro a 17 de dezembro de 2007. Quanto ao local, as entrevistas foram realizadas em diferentes espaços, a saber: sala concedida pela própria Instituição envolvida, o SESC; visita domiciliar; e lugares públicos como lanchonete e restaurante, ambientes estes, que sempre oportunizaram as adequadas condições para o pleno êxito da realização das entrevistas.

No momento da realização destas, os interessados recebiam antes um Termo de Livre Consentimento Esclarecido⁶, onde constavam as informações mais relevantes acerca da pesquisa exploratória a que se refere o presente trabalho, assinado pelo pesquisador em questão e os entrevistados. Em sua totalidade, as entrevistas foram gravadas, igualmente precedidas do consentimento dos respectivos entrevistados.

A espontaneidade e interesse em participar ou, talvez, certa curiosidade em relação a pesquisa, demonstrada por alguns idosos, seguramente, foi um grande facilitador tanto no acesso a essas pessoas quanto na realização das entrevistas. Embora, seja importante destacar que alguns entrevistados apresentaram pouca desenvoltura e dificuldades para expor suas idéias ao responderem às perguntas.

Gil (2007) aponta que ao optar-e pela realização de entrevistas na Pesquisa Social, temos algumas vantagens e limitações. Assim, mostra que a recorrente utilização da entrevista em pesquisa social está relacionada as seguintes vantagens proporcionadas por ela: primeiramente, “possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social”; trata-se de uma técnica que responde com bastante eficiência na “obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano”; e, além disso, “os dados obtidos são suscetíveis de classificação e quantificação”. (GIL, 2007, p. 118)

⁶ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está disponível dentre os Apêndices.

Neste sentido, destaca-se que nossa experiência de pesquisa transcorreu de forma satisfatória, particularmente em relação as entrevistas que, de modo geral, permitiram a obtenção de significativos conteúdos para análise, sendo poucas as falas em que se percebe menor fluência quanto os conteúdos.

Apresentaremos, a seguir, alguns dados que delineiam um breve perfil dos sujeitos da presente pesquisa exploratória.

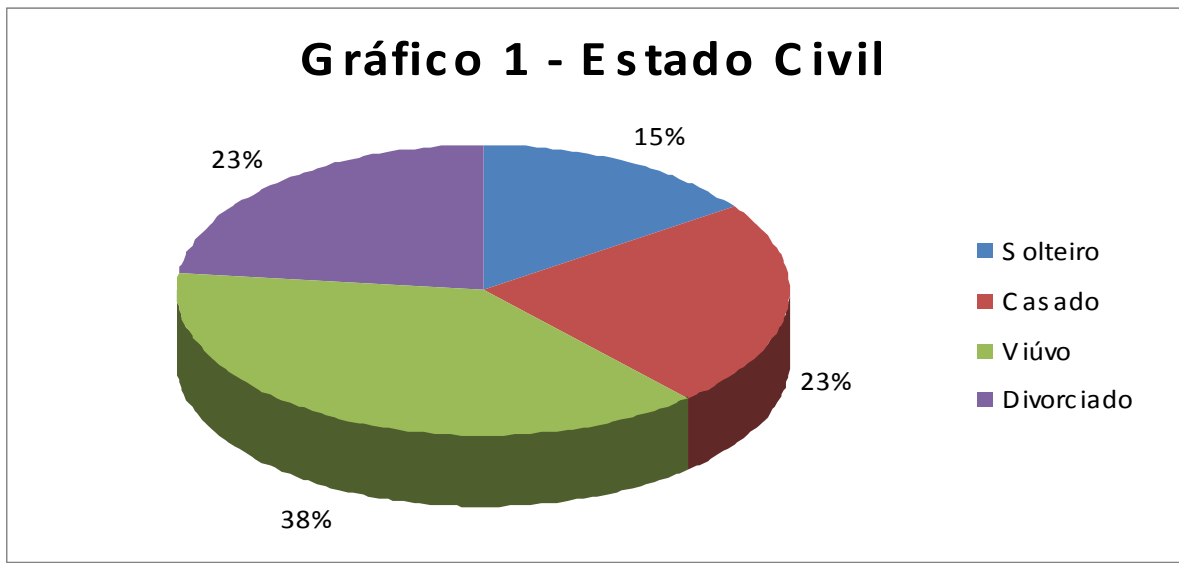
3.2 Quem somos: breve perfil dos sujeitos da pesquisa

Considerando os objetivos a que se propõe esta pesquisa exploratória, identificamos como relevante buscarmos traçar, ainda que timidamente, um perfil dos sujeitos envolvidos, a partir de indicadores como idade, escolaridade, estado civil, profissão, religiosidade e participação em outros grupos, que nos permitam alguma aproximação com a história de vida dessas pessoas. Acredita-se que ter em mãos alguns desses indicadores possa trazer contribuições para análise e compreensão dos diferentes elementos e categorias que emergem da pesquisa, em sua etapa de entrevistas.

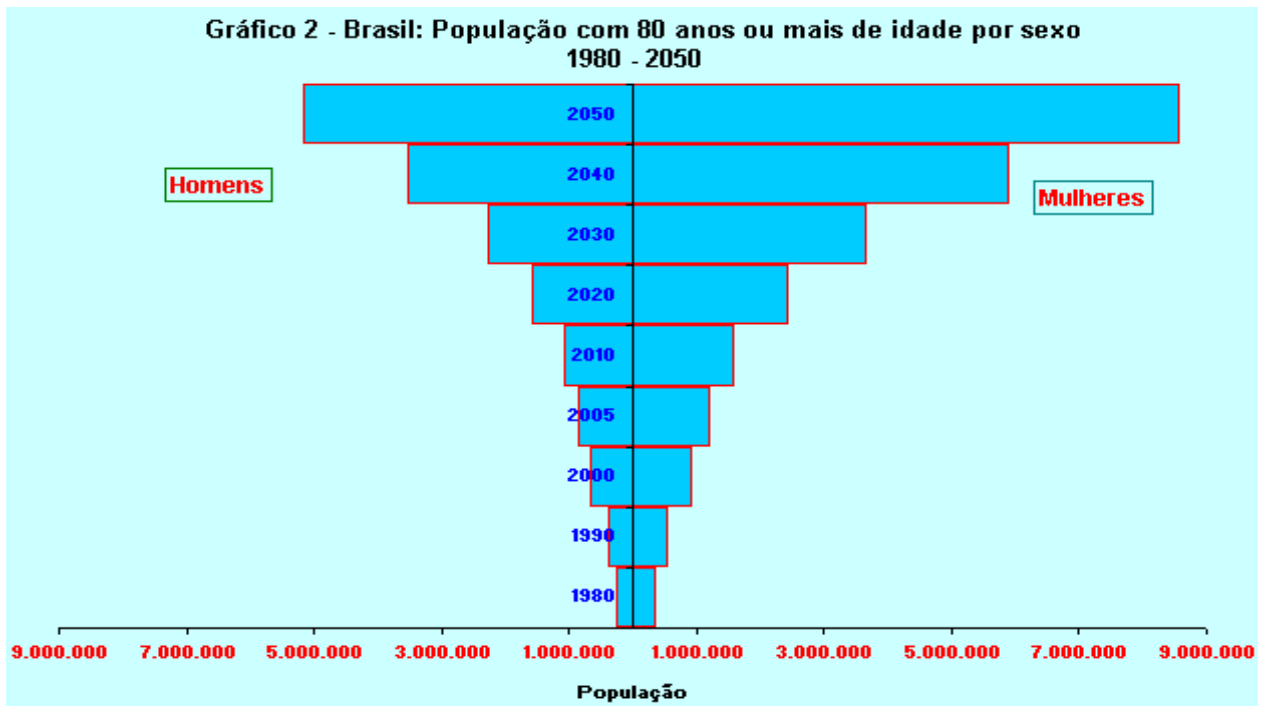
Assim, obtivemos alguns dados preliminares, a partir do questionário aplicado com as entrevistadas, que serão aqui apresentados, a começar pelo tempo de participação destas no GRUPATI, sendo que 70% pertencem ao Grupo há três anos, 23% participam há dois anos e 7% frequentam o grupo há apenas um ano.

Cabe registrarmos que todas as pessoas entrevistadas são do sexo feminino, com idade entre 52 e 83 anos. Quase em sua totalidade, são naturais de Florianópolis (SC), sendo apenas duas delas nascidas em outras localidades, a saber: São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS).

Quanto ao estado civil, observemos os dados constantes no gráfico a seguir.



A partir desses dados é possível, identificar algo já bastante presente em estudos realizados por autores como Veras (1994), Neri (2001) e Berzins (2003) que é o fato de as mulheres terem maior expectativa de vida que os homens. Dado este que é possível constatar a partir de projeções demográficas realizadas pelo IBGE (2004), que apontam um contingente de mulheres com 80 anos ou mais, muito superior ao de homens na mesma faixa etária, tal qual verifica-se no gráfico abaixo:



Fonte: IBGE (2004) – Projeção da população do Brasil por sexo e Idade para o período de 1980-2050.

De acordo com Veras (1994), várias teorias já foram apresentadas buscando trazer explicações para este fenômeno que é a diferença entre a proporção de homens e mulheres de mesma idade. Uma das causas apontadas traz o péssimo histórico de acidentes de trabalho no Brasil, como um fator relevante para esta diferenciação quanto a expectativa de vida por sexo, uma vez que “os acidentes de trabalho que levam à morte ocorrem principalmente com homens”. Outra explicação seria o consumo de tabaco e álcool, considerando que os homens costumam consumi-los em maior quantidade do que as mulheres, e o uso de ambos está associado a diferentes doenças que levam à morte, como neoplasias e doenças cardiovasculares. Além disso, em geral as mulheres têm maior cuidado em relação a sua saúde, uma vez que apresentam maior consciência quanto aos sintomas, tem melhor conhecimento das doenças, recorrem com maior frequência a tratamentos sob orientação médica e fazem exames preventivos, ao passo que os homens levam muito mais tempo até que façam uso dos serviços de saúde. Portanto, é bastante provável que o diagnóstico precoce seguido de tratamento das doenças detectadas que possibilitem às mulheres um melhor prognóstico.

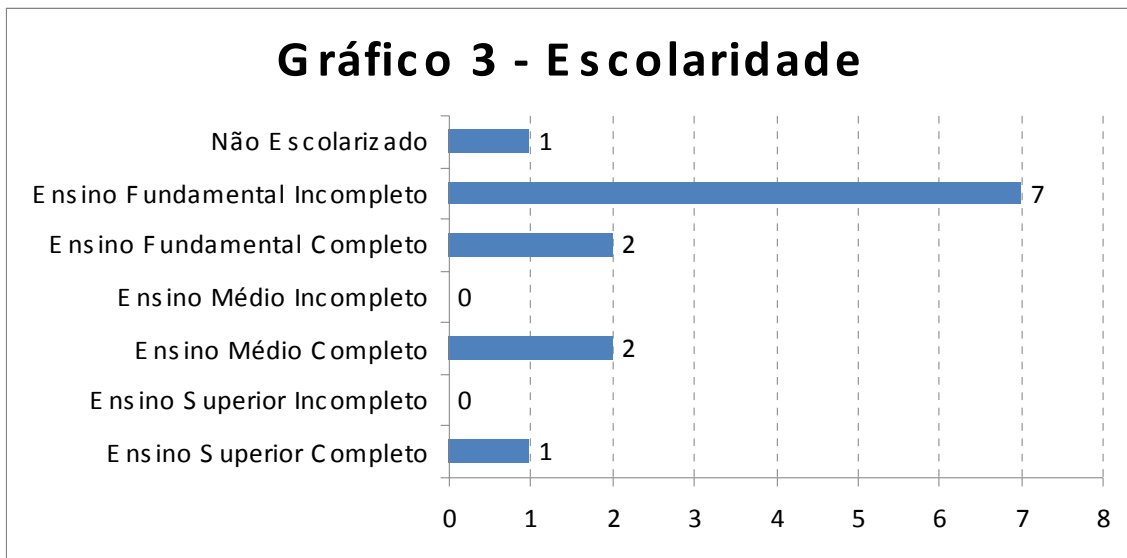
Berzins (2003, p. 28-29), lembra que “a velhice é uma experiência que se processa diferente para homens e para mulheres, tanto nos aspectos sociais como nos econômicos, nas condições de vida, nas doenças e até mesmo na subjetividade”. Pondera que “ao se considerar os aspectos da velhice não podemos deixar de contemplar o recorte de gênero que é determinante inclusive do lugar que idosos e idosas ocupam na vida social”. A autora afirma ainda que, no Brasil, 55% dos idosos são mulheres e que este fenômeno ocorre também em praticamente todos os países.

Além destes dados, outro bastante relevante apontou que 70% são aposentadas e 30% são pensionistas, o que nos permite perceber que boa parte dessas mulheres exerceram alguma atividade profissional. Assim, contemplando uma das questões presentes no questionário aplicado, as entrevistadas declararam a profissão que exerciam antes da chegada da aposentadoria, a saber: lavadeira, operadora de máquina, auxiliar de cozinha, auxiliar de sala, corretora de imóveis, dentista, funcionária pública municipal (área administrativa). Cabe salientar que, dentre as entrevistadas, nenhuma delas declarou estar exercendo alguma função profissional, no momento.

No entanto, tendo em vista as novas tendências de emprego no país, cabe acrescentarmos que segundo Dimenstein (2007), de acordo com dados do Relatório Anual de Informações

Sociais (RAIS), elaborado pelo Ministério do Trabalho, referente ao ano de 2006, quanto a empregabilidade “a faixa etária que, percentualmente, vem demonstrando melhor desempenho na ocupação de vagas é a de 50 a 64 anos - um segmento que, até pouco tempo atrás, seria considerado o fim da linha”. Ou seja, as portas do mercado de trabalho começam a se abrir para os idosos. Isso se justifica por dois meios, primeiramente, deficiências quanto a qualificação profissional de jovens, haja vista que até recentemente ao trabalhador jovem era muito mais valorizado pelo mercado. Outra justificativa consiste na valorização da experiência profissional adquirida ao longo dos anos de trabalho, o que permite aos trabalhadores com mais de 60 anos terem melhor desempenho em sua área de atuação. Entretanto, em verdade, este quadro tem maior expressão na área empresarial, pois a grande maioria dos idosos continua a mercê de oportunidades, de modo que, em geral o mercado trabalho absorve esta mão-de-obra em funções bastante distantes da área profissional de atuação destes sujeitos antes da aposentadoria.

Considerando os objetivos do presente estudo, a partir do questionário aplicado, verificamos que conforme nos permite observar o gráfico abaixo, referente ao nível de escolaridade dos entrevistados, há um alto percentual de pessoas que não concluíram o Ensino Fundamental, correspondendo a 62% dos envolvidos.



Entende-se que o gráfico acima assume maior relevância a medida que nos leva a uma reflexão maior a respeito da relação entre o nível de escolaridade e participação em um grupo de

estudos e atualização, como é o caso do grupo em questão. Assim, tal qual é possível observar no referido gráfico, há um alto percentual de pessoas que não chegaram a concluir o Ensino Fundamental, o que nos permite pensar que a busca do conhecimento, embora nem sempre os envolvidos tenham claramente esta compreensão, é algo que encontra-se intrínseco a estes sujeitos, revestido pela necessidade de maior convívio social, levando-os a inserir-se em grupos por proporcionarem, ao mesmo tempo, espaços para convivência e aquisição de novos conhecimentos, novos saberes. Destacamos, ainda, a presença de uma integrante não escolarizada que, em verdade, trata-se de pessoa com necessidades especiais devido a um severo comprometimento visual.

Diante disso, este gráfico expressa um dado bastante significativo que é a diversidade quanto a escolarização dos sujeitos que compõem o grupo estudado. Isso porque, há neste espaço tanto pessoas com formação superior quanto pessoas não escolarizadas, o que requer maior atenção e habilidade para a elaboração e o desenvolvimento de atividades neste grupo.

Outro dado importante refere-se à participação das integrantes do GRUPATI em outros grupos, como é possível observarmos a partir do gráfico a seguir:



A partir deste gráfico verifica-se que grande parte dos entrevistados frequentam outros grupos, enquanto que somente 14% participam apenas do GRUPATI. Estes dados nos chamam atenção para algumas questões bastante presentes na velhice como, por exemplo, a busca por

novos projetos de vida e diferentes atividades através da participação em grupos de idosos, bem como a importância da convivência contrapondo-se ao isolamento social, sentir-se pertencente a um grupo e, portanto, acolhido, entre tantos outros fatores relacionados a velhice e ao envelhecimento que, a partir disso, desencadeiam outras reflexões e serão melhor abordados no próximo item desta seção, ao apresentarmos os demais resultados da pesquisa.

3.3 O processo de Educação Continuada na perspectiva dos sujeitos

Norteando nossa análise a partir do conteúdo obtido com base na entrevista, primeiramente, abordaremos as perguntas constantes no roteiro de entrevista, apresentando os diferentes elementos observados nas falas dos sujeitos, Assim, encadaremos a apresentação destes resultados de acordo com a ordem de realização das perguntas discutindo conjuntamente as categorias de análise identificadas no decorrer da pesquisa. Convém esclarecer que para distinguirmos as entrevistas, em menção a temática desta pesquisa, estas estarão identificadas por nomes de árvores e flores que, preferencialmente, alcancem razoável tempo de vida, a saber: Acácia, Ficus, Azaléia, Amoreira, Tamarindo, Amarílis, Bromélia, Hortênsia, Ipê Rosa, Dedaleira, Garapuvu, Bambu, Flamboyant.

Educação Continuada (re) significando o processo de convivência?

A partir dos depoimentos referentes a primeira pergunta de nosso roteiro: “O que vem significando em sua vida a participação no GRUPATI?”, foi possível identificar diferentes e significativos elementos permeando esses depoimentos que, em sua maioria, nos levavam a teorizá-los partindo do entendimento de que a convivência, intrínseca a um processo grupal, vinha re-significando esta experiência de educação continuada.

Deste modo, obtivemos respostas, em certa medida semelhantes, nas falas de Ficus, Tamarindo e Flamboyant, uma vez que, o teor das declarações orienta-se pelo reconhecimento do significado e importância que o conhecimento e o processo de atualização assumem em suas vidas. Argumentam que era isso que estavam buscando, segundo elas “algo mais cultural”, um

grupo que proporcionasse novos conhecimentos, sem desconsiderar a relevância do convívio social neste contexto.

“Eu já fazia parte de outros grupos com trabalhos manuais e soube que o GRUPATI era algo diferente, mais cultural, com palestras, outro tipo de atividades. Acho que como eu soube que o GRUPATI era diferente dos grupos que eu participava, lá eu vi que realmente ele acrescentou muito. Porque, inclusive, até trabalhos manuais teve, entre outras atividades. [...]” (Fícus)

“Bom, eu fazia participações no SESC São Paulo. E quando vim para Santa Catarina eu queria participar de um grupo no SESC daqui, mas não queria só atividades única e exclusivamente sociais. Queria algo mais! Queria algo mais e o GRUPATI ofereceu essa condição, por ser de estudos, trazendo informações.” (Tamarindo)

“Eu e minha amiga, a gente queria uma tarde mais serena, [...] e também mais de conhecimento, com estudos e informações como é esse grupo. Isso estava faltando para nós, estávamos trabalhando muito, se estafando muito e não adquirindo aquilo que a gente precisa na terceira idade, que é mais conhecimento.” (Flamboyant)

Em outros depoimentos, observou-se maior ênfase ao convívio social. Deste modo, foi possível constatar que tal categoria, apresenta-se como um fio condutor permeando o desenvolvimento das ações realizadas junto ao grupo. Portanto, a convivência desempenha um papel importante, re-significando a experiência do aprendizado e a própria busca pelo conhecimento.

Dentre os depoimentos que apontam nesta direção, destacamos:

“Eu vim a procura de amigas, fazer novas amizades. E participar de alguma coisa. E gosto de todas as atividades. E só de sair de casa e ver minhas amigas já estava ótimo, para conversar e trocar idéias.” (Hortênsia)

“Foi a melhor coisa que já fiz na minha vida, nunca tinha encontrado um grupo assim para se entrosar. E as minhas idéias participando com as delas, trocando idéias e experiências. Esse contato foi maravilhoso para mim, renovei, renasci! (Amarílis)

“Significa muita coisa, muita coisa boa! É o que a gente aprende, a gente fica diferente, não fica dentro de casa. Eu sou muito tímida, mas to começando a me entrosar mais, já não tenho tanta vergonha de falar como eu tinha. E não só aqui no grupo, até fora. Isso aqui ajuda para tudo.” (Garapuvu)

Além destes, ainda neste contexto, tivemos outros depoimentos expressivos como o de Azaléia: “olha para mim representou muita coisa participar do GRUPATI... muita mesmo! Só de poder sair de casa, se arrumar e encontrar pessoas, já valia!”, reforçando a impactante repercussão da convivência, salientando que, entre outras coisas, por “encontrar pessoas, já valia”

estar no grupo. Ainda em outro depoimento, trazemos o que nos disse Amoreira, com a seguinte afirmação: “fiquei viúva e tava um pouco “teto baixo” e achei que convivendo com pessoas da mesma idade seria auto-ajuda, porque aí estou convivendo com gente que está na mesma situação minha”.

Com base neste último depoimento, observa-se a percepção, apresentada por esta entrevistada, quanto às relações solidárias estabelecidas em grupos apostando no encontro com outras pessoas que, além do processo de envelhecimento, estejam também vivenciando a viuvez, por exemplo, momento que, em grande parte dos casos, exige uma readaptação ao meio social.

Verifica-se que, a partir da convivência - que assume incontestável relevância no processo de aprendizagem - é possível desencadear todos os demais processos pertinentes à proposta do grupo, permitindo ao Serviço Social a concretização dos objetivos a que se dispõe quanto a educação continuada para o público em questão.

Há avanços neste sentido, assim como destaca Salgado (2007) afirmando que grupos de idosos, mesmo em suas diferentes concepções, constituem um poderoso instrumento para as intenções sócio-educativas do trabalho social com idosos, visando o desenvolvimento humano e social destes. O autor acrescenta que, na ação grupal, dois aspectos fundamentais devem ser norteadores neste trabalho: “o desenvolvimento do convívio social e a ampliação das possibilidades de educação formal e informal”.

Assim, a partir da fala das entrevistadas, observou-se que atribuem a transformação pessoal que experimentaram, após ingressarem no grupo, não simplesmente a convivência e tudo mais que isto pode proporcionar, mas ao conhecimento propriamente dito, uma vez que os diferentes saberes, experiências e informações a que tem acesso proporcionaram maior segurança ao se perceberem ainda em atividade, atualizando-se e adquirindo conhecimentos importantes.

Afirmam, ainda, que participar do GRUPATI “é bom porque cada vez vamos conhecendo coisas novas, cada vez tem mais coisas para aprendermos” (Acácia) e que isso vem significando “uma boa convivência, vivendo em grupo”, justificando que é onde sempre aprendem alguma coisa e, também, trocam experiências” (Bromélia).

Além desses aspectos, foram identificados outros, não menos importantes, como é o caso das falas em que as entrevistadas destacam que sua participação no GRUPATI se deve, principalmente, ao fato deste grupo ter uma proposta educativa, e não mera convivência. Argumentavam que a busca pelo conhecimento e a necessidade de estar em contato com novos

conhecimentos e informações é decorrente do reconhecimento da importância de o idoso estar se atualizando, o que está explícito em “nós já atravessamos muita coisa, mais ainda temos que aprender muito! E até que a gente dê o último suspiro temos o que aprender”. Em relação a isso, cabe salientar que conforme Palma e Cachioni (2006, p.1102), “o aprender não é um fim em si mesmo, mas um vínculo através do qual uma pessoa pode encontrar uma variedade de objetivos pessoais e de crescimento”.

Outra fala que merece destaque é a de Bambu, na seguinte declaração:

“Para mim foi ótimo, eu vim para cá muito pra baixo, não tinha animação para as coisas. E aqui no GRUPATI eu me levantei, gostei muito! E até as coisas que a gente aprende aqui... [...] Estou aprendendo a ser mais despachada, até vejo fotos de antes e digo: “Meu Deus, que cabecinha mais enterradinha!”. E vim para cá porque queria sair de dentro de casa, conhecer gente, conhecer coisas novas, porque eu era muito oprimida dentro de casa.” (Bambu)

A partir desta perspectiva, às oportunidades educacionais é possível conferir importantes antecedentes de ganhos evolutivos na velhice, justamente por intensificarem os contatos sociais, a troca de vivências e de conhecimentos e por promoverem o aperfeiçoamento pessoal. (Neri; Cachioni, 1999 apud Palma; Cachioni, 2006)

Entretanto, para outras a busca pelo contato com pessoas de mesma idade, a possibilidade de fazer novas amizades sobrepunham-se, em grau de importância, ao conhecimento em si. Deste modo, novamente, percebe-se que a convivência assume papel de destaque, redimensionando a construção do conhecimento no espaço grupal. E é devido a esta conjetura que a troca de saberes e a socialização do conhecimento vão consolidando as bases para a construção do conhecimento.

Além disso, observando os depoimentos, a troca de experiências entre as integrantes pareceu fortemente valorizada por elas, pois para muitas o ambiente grupal mostrava-se um espaço ideal para esta troca, entendida como tão importante quanto as demais formas de socialização do conhecimento no grupo, como as palestras, por exemplo. Recorrentemente, em diferentes momentos, salientavam que no grupo tinham acesso a tantas coisas que se ficassem apenas em casa não teriam oportunidade de conhecer e aprender.

Neste sentido, segundo Okuma (2006), “para o idoso, a inclusão num programa educativo não é apenas uma oportunidade de reciclagem intelectual, mas, sim, uma possibilidade de dialogar e participar com seus iguais na construção do seu próprio processo formativo”.

Não obstante, os reflexos da participação no grupo, estiveram bastante evidentes nas falas que apontavam que ao integrarem o grupo isso vinha significando importantes conquistas quanto

a auto-estima e no diálogo com outras pessoas, uma vez que sentiam-se muito mais desinibidas e seguras para conversar com as pessoas de modo geral.

Com base nisso, identifica-se que ao idoso buscar o conhecimento, enquanto um processo de atualização, isso permite a ele estar muito mais atuante em sua sociedade, facilitando seu engajamento social, inclusive, com participação em Conselhos de Direitos e movimentos reivindicatórios por melhores condições e qualidade de vida para os idosos. Desta maneira, gradativamente, é possível desconstruirmos a imagem estigmatizante e estereotipada que socialmente reproduziu-se, em relação ao idoso.

No decorrer desta análise, a partir dos conteúdos apresentados pelos sujeitos da pesquisa, ainda poderemos nos aproximar de mais reflexões nesta direção.

Educação Continuada redimensionando modos de ser e estar no mundo?

Na sequência, a segunda pergunta presente no roteiro buscava saber se os conhecimentos adquiridos no GRUPATI possibilitaram mudanças na vida das pessoas entrevistadas. E nesse sentido tivemos importantes depoimentos, mostrando as repercussões do desenvolvimento de trabalhos com propostas semelhantes a do referido grupo, devido as mudanças propiciadas pela participação no mesmo.

Primeiramente, as entrevistadas Acácia, Ipê Rosa e Garapuvu, apontam mudanças semelhantes em suas declarações, de modo que Acácia afirma que antes de sua participação no grupo era “muito quieta, muito calada”, mas que hoje sente-se muito mais “desembaraçada” percebendo que consegue “conversar melhor com as pessoas”. A fala de Garapuvu esteve muito próxima a Acácia, ao declarar que antes saía pouco de casa e que sempre foi “muito tímida, mais reservada”, mas salientou seu desejo de ir além, “conhecer mais o mundo”. Neste sentido, destaca-se que o desejo por novas descobertas deve ser preservado e incentivado, assim como nos mostra Freire (2007, p. 136), ao afirmar que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica”, relação esta que reafirma sua curiosidade e inquietações, incentivando-o a buscar novos conhecimentos e, também, ter maior compreensão acerca de diferentes aspectos presentes em seu cotidiano. Quanto a Ipê Rosa, esta apresenta ganhos em sua comunicação com outras pessoas decorrente da expansão de seu vocabulário

permitindo melhor compreensão do que está sendo dito. Reforça-se que, atribuem essas transformações a participação no grupo, a partir da aquisição de conhecimentos e da convivência.

“Antes de participar era muito quieta, muito calada. Agora, estou bem mais desembaraçada, me sinto muito mais a vontade, estou participando mais e consigo conversar melhor com as pessoas. E o que aprendemos no Grupo, os conhecimentos, a convivência é que ajudaram para isso.” (Acácia)

“Conheci muita coisa aqui. Até mesmo em palavras que antes era difícil de entender, hoje eu já entendo. Ser mais despachada com as minhas amigas, até minha comunicação com as pessoas, embora eu não seja muito comunicativa. [...] Eu gosto de participar para aprender.” (Ipê Rosa)

“Trouxe alguma mudança sim. Porque antes eu não saía de casa, sempre fui muito tímida, mais reservada, e ainda casei com um homem que me trancava muito dentro de casa, muito ciumento, muito machão (...). E aqui a gente aprendeu muita coisa, tinha bastante palestras e eu gosto muito de palestras. E vim aprender alguma coisa sobre saúde, idosos, envelhecimento. E a gente até se conforma mais com o processo de envelhecimento, aceita melhor. E antes eu não aceitava, agora já aceito melhor, porque tem mais gente na mesma situação. Então tudo isso já foi uma grande mudança. (...) E eu prefiro conhecer mais o mundo. E, depois que me separei, ganhei mais liberdade! E queria ir mais longe. (Garapuvu)

A aproximação nas relações familiares ganhou espaço nas falas de Fícus e Amoreira - logo abaixo citadas -, as quais endossam que “conhecer melhor as relações entre gerações é uma necessidade crescente”, pois cada ser humano se constitui numa relação de interdependência. Portanto, “está inserido em uma família e na sociedade, e todas as ações desse contexto familiar e social têm influência direta sobre seu comportamento”. (SOMMERHALDER & NOGUEIRA, 2003, p. 103). Deste ponto de vista, a participação, integração e valorização do idoso socialmente é tão importante quanto a intra-familiar.

“Conhecer coisas novas, conversar com o filho, contar algumas coisas que via lá. Como quando tivemos um vídeo sobre o tempo da Guerra. Soube de coisas que eu não tinha conhecimento, pude comentar, contar e coisas que ele mesmo estudando não sabia. Trazer novidades para contar. Além de comentar com pessoas de outros grupos do qual participo. Isso foi muito bom.” (Fícus)

“Até para gente ficar mais leve um pouco e não ser tão revoltada. Porque talvez se eu convivesse só com meus netos e filhos, a gente começa a ficar um pouco revoltada. E sempre se aprende, seja com vocês ou com as outras pessoas do grupo. E também com os netos e filhos talvez se solte um pouquinho mais. (...) Foi positiva minha ida para o GRUPATI, até para aceitar a velhice e ver que está todo mundo na mesma. (Amoreira)

Tivemos, também, outros depoimentos reafirmando os conhecimentos adquiridos no grupo como desencadeadores de mudanças, tal qual observa-se nas seguintes falas:

“Sim, claro! Principalmente na área de nutrição, em relação a pressão alta, hipertensão, diabetes, ainda que eu não seja diabética, teve muita coisa boa que acrescentou”. (Tamarindo)

“Trouxe sim, muita coisa. Inclusive as viagens que fizemos. Parece que me abriu as idéias. Antes eu era uma pessoa muito fechada, me abriu horizontes”. (Amarílis)

“Para mim contribuiu, porque quebrei um pouco isso de.. porque eu não sei fazer muita amizade. E muita coisa ali, aquelas palestras as coisas que ensinaram, eu pude depois passar para os meus outros grupos. (...) Na nossa idade, a gente tem que transmitir para os outros tudo o que a gente aprende, porque tem muita gente que não tem a mesma oportunidade”. (Flamboyant)

Alguns elementos presentes nestas falas não podem ser deixados de lado, devido sua contribuição para nossas reflexões. A começar pela declaração de Tamarindo, ressaltando atividades na área de educação em saúde que, a partir de parcerias com profissionais habilitados, eram socializadas informações e prestados esclarecimentos pertinentes aos diferentes temas abordados (hipertensão arterial, diabetes, nutrição, entre outros).

Outro depoimento que merece destaque é o de Flamboyant, com a seguinte afirmação: “a gente tem que transmitir para os outros tudo o que a gente aprende, porque tem muita gente que não tem a mesma oportunidade”, pois esta idéia demonstra a percepção de realidades distintas, marcadas pela desigualdade social. Por isso, aproveitando este ensejo, entendemos como relevante ressaltar que o acesso ao saber, ao conhecimento e a diferentes informações, é possibilitado a uma minoria privilegiada, enquanto que a grande massa não tem a mesma oportunidade, reforçando traços de desigualdade e exclusão social.

Diante disso, reforça-se que, neste contexto educacional, é preciso incluir conteúdos que conduzam a efetiva reflexão acerca das contradições da sociedade capitalista. Em outras palavras, em espaços como este deve-se procurar incentivar a reflexão e o pensamento crítico a respeito das contradições que impõem relações de desigualdade social, em particular, no que se refere a exclusões no mundo do trabalho, Seguridade Social (Saúde, Previdência e Assistência) e, até mesmo, quanto a memória histórico-cultural (tradições regionais, arquitetura, culinária, entre outros).

Ainda neste sentido, de acordo com Okuma (2006), a vivência de novas experiências na velhice como a atualização, são possibilidades que permitem ao idoso sentir-se valorizado,

integrado e atuante no grupo de convívio e, sobretudo, com gerações mais jovens. A autora afirma que:

“Isso representa um ganho no relacionamento com o outro, na medida em que o idoso pode manter um nível de comunicação que está em sintonia com o momento atual, pois tem novidades para contar, pode conversar sobre suas vivências atuais, não se restringindo às já vividas, pode compartilhar sugestões e opiniões.” (OKUMA, 2006, p. 1096)

Portanto, buscar novos conhecimentos e estar atualizado, representa importantes conquistas até mesmo dentro do contexto familiar, permitindo que o idoso interaja de forma mais positiva com os seus. Mais do que isso, como observa-se na fala de Fícus, outras repercussões sociais são oportunizadas a partir do engajamento pessoal deste idoso, em particular em seu comprometimento com a socialização dos diferentes saberes a que tem acesso, transmitindo-os às demais pessoas de seu convívio, como por exemplo, no caso mencionado, em que a socialização se dá, não exclusivamente, mas também nos diferentes grupos dos quais tal entrevistada participa.

Outra importante reflexão emerge das declarações de Amoreira e Garapuvu, a aceitação da velhice, com afirmações como “foi positiva minha ida ao GRUPATI, até para aceitar a velhice e ver que está todo mundo na mesma” e “antes eu acho que não aceitava, agora já aceito melhor porque tem mais gente na mesma situação”. Destaca-se que mais do que simplesmente aceitar é preciso compreender. E esta compreensão perpassa pelo entendimento de que “o processo de envelhecimento e a fase da velhice fazem parte de nossas experiências de ser vivo” e que, portanto, a velhice é uma fase natural, assim como coloca Mascaro (2004) ao citar Simone de Beauvoir: “morrer prematuramente ou envelhecer: não existe outra alternativa”.

Desta maneira, acredita-se que o alcance desta compreensão é favorecido através da educação continuada, a partir de discussões e reflexões que possibilitem um melhor entendimento e compreensão desta etapa da vida, assim como acerca de suas repercussões e significado na sociedade e sua cultura. Ademais, segundo Palma e Cachioni (2006), um dos papéis da educação para idosos é a aceitação da velhice, com vistas a um envelhecimento digno e bem sucedido.

Ainda outros dois depoimentos nos chamam atenção, o de Dedaleira ao afirmar não ter percebido mudanças em sua vida com a participação no grupo e o de Bambu por não recordar-se. Entretanto, como é possível observarmos nas falas logo abaixo citadas, ambas indicam algo na programação de atividades que lhes foi mais marcante.

“Não percebi nada de mudanças. Mas sempre gostei muito dos passeios que a gente fez aqui. E coisas que eu ouvia aqui acabei levando para casa (...)” (Dedaleira)

“Não me recordo muito. Mas gostei muito Seminário Envelhecer com Saúde, do SESC. Muita coisa que eu aprendi ali me esclareceu bastante coisa. Aproveitei bastante, inclusive no cuidado com meu pai.” (Bambu)

A partir do que nos diz Dedaleira, ao dar destaque aos passeios realizados pelo grupo, entende-se como relevante trazer a contribuição de Oliveira (1996) ao mostrar o acesso à cultura e ao lazer, como “um fator de crescimento, conhecimento, interação, descoberta e vivência de emoções, enquanto elementos essenciais à preservação e manutenção de uma vida mais produtiva e saudável”. Até mesmo porque, certamente, as atividades culturais quando realizadas de forma prazerosa conferem melhores resultados em termos de aprendizagem configurando, portanto, uma significativa combinação.

Embora tenha aparecido em outro momento da entrevista, tendo em vista o contexto desta pergunta do roteiro de entrevista, onde estamos tratando os modos de ser e estar no mundo redimensionados pela Educação Continuada, mostra-se relevante resgatarmos no depoimento de Flamboyant a seguinte declaração:

“Sempre gostei muito de participar de palestras. Foi muito oportuno para mim. Eu estava muito desgastada fisicamente e, também com depressão devido a aposentadoria forçada, porque eu já estava com 75 anos e já tinha passado muito da idade de se aposentar, [...] mas eu não queria. Então esse grupo era um ambiente novo pra gente e ele só ia somar naquilo que eu sempre gostei e nunca tive oportunidade de tá fazendo, indo em palestras e tudo mais. Eu não esperava que fosse tão bom para mim”.

Neste depoimento destacam-se dois elementos, o primeiro refere-se a chegada da aposentadoria, que se deu forçosamente em função da idade, desencadeando depressão nesta entrevistada; o outro elemento seria, então, a contribuição de programas educativos no sentido de proporcionar maior compreensão acerca dos eventos da vida, favorecendo a mudança de comportamentos e aceitação da velhice e, no caso, aposentadoria.

Cabe chamarmos atenção que a chegada da aposentadoria foi um evento mencionado em outros dois depoimentos, de modo que a participação no grupo figurava como alternativa para a continuidade de uma vida pró-ativa.

Educação Continuada: possibilidades de descobertas e (re) significações?

Quanto a terceira questão da entrevista, perguntou-se que importância as entrevistadas atribuíam à inserção de idosos em grupos para estudos e atualização como o GRUPATI. Com isso, verificou-se que as respostas expressaram opiniões que pouco diferiam entre si, uma vez que, em sua totalidade, as entrevistadas afirmaram reconhecer grande importância na inserção de idosos em grupos desta natureza. Entretanto, embora as declarações tivessem esta mesma orientação, destacavam-se entre si pelas diferentes argumentações apresentadas, reunindo importantes categorias para nossa reflexão.

Na declaração de Acácia, esta ressalta um elemento bastante relevante ao afirmar que “as pessoas acabam tendo maior auto-estima” ao integrarem grupos como o GRUPATI. Considerando que, segundo Neri (2003), “a auto-estima acompanha nosso desenvolvimento e muda ao longo da vida”, entende-se, portanto, que “em qualquer etapa da vida, a auto-estima pode ser melhorada”.

“E como é muito importante! As pessoas acabam tendo maior auto-estima, são mais alegres, conhecem pessoas novas e, também, as atividades trazidas no grupo contribuem na vida dos idosos.” (Acácia)

Um desdobramento da questão da auto-estima pode ser observado na fala de Azaléia ao afirmar que as idosas não mais colocam “um lençinho na cabeça, elas colocam batom”, onde verifica-se que além do auto-cuidado com sua imagem, há também importantes mudanças quanto a concepção e enfrentamento da velhice, de modo que, os idosos vem conquistando um espaço que lhe permite vivenciar sua velhice de forma muito mais digna, a medida que tem sua cidadania e autonomia respeitadas.

“A importância que eu acho é que as senhorinhas de antigamente com 50 anos eram idosas e hoje elas já saem. Todas elas colocam batom! Elas não colocam mais um lençinho na cabeça, elas colocam batom! E do momento que elas ficavam viúvas não chegavam nem na janela. Elas morriam para o mundo e hoje não... hoje está diferente, apesar de respeitar o falecido, mas a gente continua na ativa! (...)” (Azaléia)

Isto nos mostra que os próprios idosos hoje têm uma nova imagem da velhice, que é na verdade reflexo das transformações sociais que motivaram mudanças de atitudes e comportamentos dos idosos, tanto que se percebem mais ativos e atuantes do que as gerações anteriores.

Além disso, observa-se também que esta mudança de comportamentos engloba, ainda, a experiência da viuvez vivenciada com um caráter mais positivo, ou seja, mantêm-se alguns princípios, mas tem-se novos valores, priorizando a continuidade da vida para a realização de antigos ou novos projetos e tudo mais que lhe for possível. Ainda na direção desta reconfiguração de comportamentos, este depoimento nos permite identificar relações de gênero que, em outros tempos, marcadamente, impunham à figura feminina o recato e, em particular, quando viúvas, o luto. Entretanto, em relação aos sujeitos desta pesquisa, cabe salientar que, assim como consta no perfil destes - acima apresentado -, observa-se que esta geração ultrapassou o espaço doméstico, conquistando espaço no mercado de trabalho, posto que 70% das entrevistadas exerceram alguma atividade profissional, até a chegada da aposentadoria.

Assim como já explorado, anteriormente, em um dos depoimentos citados em menção a primeira pergunta do roteiro de entrevista, do mesmo modo - em resposta ao questionamento em debate - novamente a percepção de realidades distintas convivendo próximas em nossa sociedade foram expostas, aparecendo nos depoimentos de Fícus e Dedaleira, respectivamente, transcritos abaixo.

“Acho que tem uma grande importância, porque eu, por exemplo, já tenho um pouco de conhecimento. Fui funcionária pública durante trinta anos, mas via que muitas pessoas ali nunca haviam saído de casa. Então, elas estavam ali adquirindo esses conhecimentos. Acredito até que para elas acrescentou muito mais do que para mim. Porque para elas, essa era a oportunidade.”

“Ah, isso é muito importante! É muito vantajoso para eles, pelas coisas que estão ouvindo nesses grupos, de palestras. Porque, as vezes, alguns nem tem médicos e participando do grupo eles “pegam” aquilo.”

Somando-se a estas declarações, temos a contribuição de Flamboyant, reforçando a compreensão de que a participação em grupos como este, corresponde a uma significativa oportunidade, assemelhando-se as falas de Fícus e Dedaleira.

“Que importância isso tem? Eu acho muita! (...) Porque isso tá valorizando o idoso. E não só valorizando, você tá dando oportunidade para ele adquirir conhecimentos que ele em casa não ia ter. (...) E ali não, vai criando muita oportunidade de se atualizar dentro desses grupos. É muito rico, leva muita coisa pra gente, idoso. Dá muita importância para o idoso. E na atualidade, quem mais precisa de atenção é o idoso.” (Flamboyant)

Neste depoimento, à percepção de oportunidade é agregada a valorização social do idoso, entendida como resultante, não somente da inserção em um grupo com objetivos educacionais,

mas, também, das oportunidades que tal inserção proporciona, em termos de atualização, conhecimento e qualidade de vida. Assim, neste sentido, mostra-se relevante trazermos a contribuição da fala de Garapuvu, afirmando que: “Primeiro o idoso ficava em função de casa, e hoje não! Hoje o idoso está aproveitando mais, participando de encontros, fazendo grandes amizades, tendo uma nova perspectiva. Então, claro que é importante estar em contato com tudo isso novo que tem.”

De acordo com as declarações de Tamarindo, Hortênsia e Garapuvu, registra-se uma outra perspectiva de argumentação para a importância da inserção de idosos em grupos como o GRUPATI. Isto porque, concentram-se na construção do conhecimento enquanto algo inacabado, reconhecendo o aprendizado como constante em nossas vidas, enfatizando que “até que a gente dê o último suspiro temos o que aprender” e que “a vida continua”, “não é porque envelheceu que acabou”.

“É excelente! Além de conhecimento, a mente é preenchida com mais coisas. Porque nós somos seres humanos, nós já atravessamos muita coisa, mas ainda temos que aprender muito! E até que a gente dê o último suspiro temos o que aprender.” (Tamarindo)

“(…) Quem fica em casa, trancado, só pensa na doença, a pessoa tem que sair, conversar, aprender, abrir a mente. Isso é muito bom. Qualquer coisa que a gente faça estamos aprendendo. Todos os dias. “Vivendo e aprendendo.” (Hortênsia)

“Ah, tem! Porque a melhor coisa que fizeram foi grupo para idosos! Eu conhecia gente assim que não muito velha na idade e já tava... parece que esperando a morte e até incomodando os parentes. Sempre reclamando, sempre reclamando! Tava com isso e com aquilo. Agora está bem mudado isso, os idosos estão com tudo! Então é muito importante que eles busquem grupos assim [...] A vida continua, não é porque envelheceu que acabou.” (Garapuvu)

Vale complementar com a assertiva de uma das entrevistadas, Amoreira, ao dizer que “o estudo e essa atualização não deixam a gente ficar parada no tempo”, reafirmando que a educação proporciona condições para que a pessoa esteja em constante aprendizado, atualizando-se. Assim, conforme esta entrevistada, este processo possibilita ao idoso ter uma nova imagem de si e dos outros, pois segundo ela “isso vai ajudando a gente a não ficar uma velha recalcada”. Deste modo, permite, também, que este idoso possa interagir socialmente com maior segurança tendo, inclusive, uma visão mais apurada e esclarecida quanto a velhice e o envelhecimento.

Ainda outra argumentação, bastante relevante, aposta na importância da participação em grupos como este, para o desenvolvimento de habilidades desses idosos.

“É muito importante para desenvolvermos nossas habilidades, ouvir as palestras porque abrem muito nossas idéias. Ah, se outras pessoas, idosos pudessem participar... (...)” (Amarílis)

Neste sentido, tomamos a liberdade de acrescentar que, além das habilidades, busca-se também reconhecer potencialidades e desenvolver a criatividade dos envolvidos, reafirmando-os enquanto sujeitos da construção de seus saberes. Ressalta-se que este processo oportuniza um auto-conhecimento e, a partir disso, possibilita-se modificações de comportamentos, por vezes consideravelmente prejudiciais a boa convivência, seja ela familiar ou social.

Cabe complementarmos - ainda no tocante a importância da inserção de idosos em grupos com ações voltadas a educação - com o que nos diz Salgado (2007), “o homem só é um indivíduo total quando inter-relacionado com os outros, pois as necessidades de atenção e afeto, de compreensão e aceitação, e o próprio aprendizado, somente se tornam possíveis pela interação com os semelhantes”. E, por isso, o autor sustenta que a interação social deve ser mantida durante todo o ciclo de vida, o que compreende, também, o tempo da velhice, uma vez que existe uma relação profunda entre a satisfação pessoal e o relacionamento solidário com outras pessoas.

Considerando a inserção de idosos em grupos como o GRUPATI enquanto uma oportunidade significativa, em termos de promoção de qualidade de vida, há também que se reconhecer que esta abordagem grupal, com fins educativos, permite também a superação de diferentes formas de preconceito, favorecendo a discussão e compreensão das diferenças. Além disso, uma vez atualizado, motivado em suas descobertas e valorizado em suas habilidades e potencialidades, o idoso passa a interagir de maneira diferenciada, socialmente.

Conseqüentemente, um novo cenário e novos horizontes vão surgindo, proporcionando uma experiência um tanto mais saudável da velhice. Desta maneira, a partir dos conteúdos apresentados nas entrevistas, visualiza-se que para o Serviço Social no que tange ao processo de envelhecimento e, portanto, às demandas que emergem decorrentes deste processo, há um forte apelo por maior engajamento destes profissionais no tocante a questão social da velhice. Salienta-se que, neste sentido, Pereira (2005, p. 3) alerta que por ser esta “uma profissão que atua em constante interação com as políticas e os direitos sociais, o Serviço Social não pode ficar alheio à tematização do fenômeno do envelhecimento”.

Qualidade de vida cidadã: um caminho possível a partir da Educação Continuada?

Quanto a quarta pergunta realizada nas entrevistas, buscávamos saber se as entrevistadas percebiam que os conhecimentos adquiridos no GRUPATI vinham contribuindo por uma qualidade de vida mais cidadã para os idosos que compõem o grupo. Verificou-se que todas declaram perceber que os conhecimentos a que tem acesso no grupo permitem sim uma maior qualidade de vida em termos de cidadania, consubstanciadas em afirmações como: “Nada é por acaso. As discussões que temos lá, para os idosos, é muito importante”; “Sim, com certeza! Tem muitos reflexos na cidadania”; “Ah, sim! Sem dúvida! Eu já aprendi muito. (...) Já descobri que posso ter convívio com as pessoas”; “Ah, eles tem sim uma vida com mais cidadania. Estão se encontrando com as pessoas, falando, conversando. E acho que as pessoas levam para a casa muita coisa boa que aprendem aqui”; “Ah, sim! Vem contribuindo para uma vida melhor. Hoje todo mundo diz o que quer, consegue se expressar melhor”.

Assim sendo, isto vem conferir maior sustentabilidade ao que Nunes (2001) afirma ao salientar que é preciso que os profissionais percebam e reconheçam espaços voltados aos idosos como potencializadores na construção da cidadania desses sujeitos. Neste sentido, é relevante complementarmos com o que nos traz Lima (2004), ao observar que o projeto ético-político profissional do Assistente Social é condizente com estas aspirações, pois conduz a intervenção para o desenvolvimento de ações voltadas para a construção da cidadania para todos, bem como a defesa, a ampliação e a consolidação de direitos sociais, civis e políticos. Como bem nos diz Yamamoto (2007, p.142), a própria “democracia envolve a luta pela ampliação da cidadania, com vistas à efetivação dos direitos civis, políticos e sociais de todos os cidadãos”. A autora defende, ainda, que além de uma cidadania para todos, a mesma deve ser impulsionadora de novos direitos.

Ainda neste contexto, Bruno (2003, p. 77), nos traz a seguinte contribuição: “a conquista de um novo lugar e significado na sociedade, bem como a marca de uma nova presença do segmento idoso passam pelo exercício pleno da cidadania”.

De acordo com Abreu (2002), entende-se que a função pedagógica do Assistente Social encontra sustentação na capacitação, mobilização e participação popular quando acompanhadas de um processo de reflexão, pois assim a intervenção deste profissional se dá por uma perspectiva emancipatória, contribuindo para o surgimento de uma nova prática social. Entretanto, não se

pode deixar de mencionar que um grande desafio posto a estes profissionais é o de fortalecer processos concretos de luta e articulação, com vistas a ampliação de políticas estatais que garantam melhores condições de vida, autonomia e cidadania.

Convém ressaltar que, embora sem maiores prejuízos, algumas entrevistadas demonstraram maior desembaraço e mostraram-se muito mais a vontade para discorrer a respeito do que outras, que acabaram sendo um tanto mais sucintas em suas respostas.

Visto que compreendemos qualidade de vida numa perspectiva cidadã, Galina (2003) resgata que a idéia de cidadania tem origem na Grécia antiga - um histórico modelo de democracia - onde “ser cidadão significava ter direitos e deveres políticos, como, por exemplo, participar de votação em praça pública”, embora esta fosse uma possibilidade restrita, uma vez que a alguns segmentos sociais era negado o exercício de sua cidadania. Entretanto, destaca que em seu conceito atual, foram agregados outros valores e significados, relacionando-se a princípios como: ética, igualdade social, democracia, justiça e dignidade. Portanto, “cidadania não é lição a ser ensinada ou transmitida, mas uma série de posturas a serem desenvolvidas e estimuladas”.

Partindo deste entendimento, verificou-se a presença desta compreensão permeando boa parte das falas de nossas entrevistadas, sobretudo nas que se seguem, a começar por Fícus, que fundamenta sua argumentação a partir do estudo realizado junto ao grupo para que fosse assegurado o acesso destes idosos ao Estatuto do Idoso, assim como é mencionado por Flamboyant, ao afirmar que através do grupo além de tomarem conhecimento de quais são seus direitos, também foram distribuídos exemplares para que os idosos tivessem o referido Estatuto sempre a mão.

“Acredito que sim, por exemplo, tivemos conhecimento maior a respeito do Estatuto (Idoso) além de coisas culturais. Fizemos visitas a museus, estivemos até na Universidade, fizemos muitas coisas valiosas.” (Fícus)

De acordo com Bredemeier (2003, p. 99),

“o idoso organizado, principalmente, pode abrir caminhos: articular, reivindicar, pressionar, fazer, aparecer. Não o tem alcançado ainda na sua plenitude. Na medida em que estas ações se concretizarem, paulatinamente serão estabelecidas, tanto na parte do poder público como na sociedade civil, novas formas de dar cidadania à velhice.”

Esta autora afirma que poucos idosos estão aptos a exercer sua cidadania e que, portanto, iniciativas que permitam mudarmos este quadro devem ser potencializadas, posto sua relevância

em nossa sociedade. A partir disso que a autora sustenta que o idoso organizado pode, sim, abrir caminhos. Mas, para tanto, é preciso antes que tenham consciência de seus direitos. Então, neste sentido, a educação continuada e os conselhos do idoso apresentam-se como alternativas viabilizadoras destas aspirações.

Ademais, reforça-se que esta é uma luta conjunta de modo que, tanto a atuação do Assistente Social junto a programas educativos quanto sua prática nos Conselhos, configuram importantes meios para que tenhamos conquistas significativas no campo da cidadania e das políticas públicas e sociais, consolidando-as.

Dando prosseguimentos às análises, observa-se que nas declarações de Fícus e Bambu, é possível identificar que ambas salientam a visita a lugares como Universidade, Museus, entre outros passeios culturais, o que nos mostra que, mais do que conquista de novos espaços antes tão distantes, isto representa descobertas, o ir para além do espaço privado.

“Com certeza. Tem um monte de coisa que a gente tá aprendendo, tem bastante rendimento pra gente. E a gente vai aproveitando isso na vida da gente. Lugares que a gente foi conhecer e que se eu não estivesse no grupo não iria.” (Bambu)

De acordo com o depoimento de Tamarindo, a mesma reconhece nos objetivos e finalidades institucionais esta “motivação”, incentivando o exercício de cidadania entre as diversas ações desenvolvidas no âmbito Institucional. Além disso, a mesma entrevistada, aponta ainda categorias como integração social e socialização presentes nestas ações. Cabe destacar que, Galina (2003) ressalta que as atividades e programas desenvolvidos, não encontram um fim em si mesmo, mas são entendidos como meio para a concretização de projetos educativos com vistas a Educação para a cidadania.

“Acho que sim! Porque o SESC possibilita isso, com os conhecimentos, as pessoas que ele traz! Ele tem essa motivação. Das pessoas que se integram, se sociabilizam, se integrem enquanto cidadão. Por isso que gosto muito do SESC.” (Tamarindo)

Em relação a fala de Garapuvu, constata-se um outro viés que alia a aquisição de conhecimentos e atualização do idoso à valorização social, observando que “a própria sociedade agora dá valor”, pois antes “o idoso era muito esquecido”.

“Eu acho que sim! Contribui bastante! Tem esse lado também [...] a própria sociedade agora dá valor, antes o idoso era muito esquecido. E a gente aqui aprende muita coisa, e tá mais atualizado, vivendo um outro momento.” (Garapuvu)

As entrevistadas reconhecem experimentar um processo de qualificação de suas vidas, através dos conhecimentos a que - não somente, mas, também - tem acesso com sua participação no grupo, de modo que demonstram compreender a importância de um cidadão estar ciente de seus deveres sim, mas igualmente de seus direitos. Neste sentido, a fala de Flamboyant mostra-se bastante relevante na seguinte declaração, acerca da questão em pauta:

“Isso não resta dúvida! Tudo o que a gente aprende tem utilidade, a gente acaba utilizando na nossa vida. Por exemplo, a gente não sabe dos nossos direitos e por ali a gente ficou sabendo de quanta coisa o idoso pode exigir, porque ele não sabe. E a gente ganhou o Estatuto do Idoso. Então a gente ficou sabendo que tem dever, mas tem, também, muitos direitos. E teve muita palestra que deixou a gente mais esperta.” (Flamboyant)

Nesta perspectiva, a consolidação da vida cidadã, vem encontrando reforços para seu fortalecimento no Estatuto do Idoso. Entende-se, portanto, que o exercício da cidadania se dá através de uma vida participativa, criando espaços para reivindicação de direitos que garantam conquistas em termos de justiça e igualdade social, fortalecendo a democracia. Ademais, cidadania diz respeito ao direito de saber, de conhecer, de circular, de experimentar, entre tantos outros meios em que se expressa.

Diante disso, a intervenção profissional do Serviço Social se justifica ao ter como tônica para sua atuação os avanços em termos de construção de cidadania e promoção de qualidade de vida, a medida que por meio da educação é possível contribuir para a consolidação de uma imagem muito mais positiva da velhice em nossa sociedade. Como é possível perceber, as conquistas oportunizadas através da construção do conhecimento têm vasta abrangência na vida dessas pessoas, com destaque para a valorização pessoal e social seguida do estreitamento das relações familiares e significações quanto a relação intergeracional, abordados na questão anterior.

Constata-se que, de acordo com o entendimento das entrevistadas, o GRUPATI vem contribuindo para uma qualidade de vida cidadã de suas integrantes, estimulando o pensamento crítico, a integração social e a conquista de novos espaços. Pois, reafirmando a concepção de qualidade de vida em Neri (2001), a qual já nos referimos na primeira seção desta pesquisa, temos também a contribuição de Veras (2004), entendendo que qualidade de vida corresponde à síntese dos elementos que determinada sociedade estabelece como padrões de conforto e bem-estar, que refletem conhecimentos, experiências e valores, sendo, portanto uma construção social.

Destarte, a busca contemporânea por qualidade de vida cidadã encontra implicações no projeto ético-político do Assistente Social que, assim como consta entre seus princípios éticos fundamentais (Resoluções CFESS nº 290/94 e nº 293/94), preconiza a ampliação e consolidação da cidadania, tarefa esta que deve ser igualmente incorporada por toda a sociedade, visando à garantia dos direitos civis, sociais e político.

Educação continuada: uma experiência desafiadora?

No que se refere a quinta pergunta do roteiro de entrevistas, a intenção era identificarmos se as entrevistadas em algum momento depararam-se com desafios para a realização das atividades propostas no grupo. Entretanto, observou-se que poucas declaram ter encontrado situações desafiadoras, apenas algumas mostraram ter se deparado com algum desafio, como observaremos a seguir:

“Desafio porque eu tenho dificuldade para compreender as coisas, acabava não entendendo muitas coisas. E não costumava perguntar para ninguém do grupo. Muitas vezes esperava até chegar em casa e perguntava para o filho.” (Acácia)

“Não! Mas quando eu não sabia eu ficava calada. Não me arriscava a falar, ficava na minha. E nada me abala. Se não dá para mim eu fico na minha.” (Hortênsia)

A partir destas falas, é possível identificarmos o medo de errar, de expor-se em público, ainda que estejam em um espaço destinado a aprendizagem. Há uma intensa cobrança consigo, de modo que o idoso não se permite falhar. Deste modo, como verificamos na fala de Acácia, mesmo com dúvidas, o que comprometia sua compreensão acerca de determinados assuntos ou atividades, não se arriscava a fazer perguntas, confiando ao filho seus questionamentos na esperança que este pudesse lhe esclarecer o que não havia compreendido. Já Hortênsia, embora não tenha reconhecido tal postura como algo a ser superado e, portanto, desafiador, reforça nossa reflexão acerca deste forte receio de errar ou falhar em público, que marca as relações em nossa sociedade.

Neste sentido, é preciso que os profissionais responsáveis pelo grupo, seja enquanto facilitadores ou coordenadores, estejam bastante atentos buscando identificar essas situações,

uma vez que isto representa perdas quanto a apreensão dos conteúdos e efetiva participação nas atividades desenvolvidas junto ao grupo.

Acredita-se que esta cobrança exacerbada na velhice esteja relacionada a representações desta como uma etapa improdutiva da vida, marcada pelo acometimento de doenças, desconsiderando potencialidades e habilidades dessas pessoas. Isto gera maior ansiedade, até mesmo, na realização de simples tarefas por medo de falhar em qualquer circunstância.

Okuma (2006), salienta que “a consciência do próprio valor ilumina, também, um outro aspecto, talvez o mais importante, que é o rompimento do idoso com o estereótipo de incompetência e incapacidade”. Isso porque, “conscientizar-se da própria competência leva-o a reconhecer em si o que lhe é próprio, e não a assumir o que lhe dizem que deveria ser”. Deste ponto de vista, a compreensão da dimensão da valorização pessoal impactando na valorização social, representa uma “mudança de visão não só do idoso sobre si mesmo, mas daqueles que convivem com ele” e este mostra-se um caminho viável para o início da transformação dos conceitos que a sociedade tem de velho e velhice.

Por isso, cabe reafirmar que as atividades voltadas ao público idoso

“tem de ser desenvolvidas com a preocupação educativa de favorecer a sociabilização, a manutenção de auto-estima, a reeducação para o convívio com as limitações da idade e o estímulo à manutenção da autonomia nos limites máximos de suas possibilidades.” (SALGADO, 2007, p.71)

Um momento desafiador, citado em uma das falas, nos remete a questão da memória na velhice, identificada a partir da dificuldade em realizar a referida atividade de raciocínio lógico, evidenciando que embora saibam as respostas encontram dificuldades em lembrá-las. Deste modo, percebe-se que é preciso estimular a memória do idoso, bem como trazer atividades que apreendam sua atenção, embora, comumente, os idosos apresentem dificuldades de concentração e desvio de atenção. Portanto, atividades que os estimulem quanto a estes aspectos são de fundamental importância.

“A única dificuldade que encontrei foi no dia que uma das atividades trazidas era a respeito de raciocínio lógico, que na verdade foi muito bom e a gente até passou para outras pessoas. Mas foi muito bom para ficarmos mais atentas.” (Azaléia)

Outra situação desafiadora, mencionada, refere-se a aprendizado de outro idioma, no caso o inglês, que embora seja o desejo de muitos idosos nem sempre este é um processo sem maiores

desafios. No entanto, existem cursos de idiomas onde são oferecidas turmas de idosos, o que facilita grandemente este aprendizado.

“Meu único desafio foi quando tivemos aquela atividade em inglês, para aprendermos inglês. Aquilo eu não consegui. Também porque eu não gosto de escrever [...] Mas aos poucos estou aprendendo a ser diferente, até na hora de se arrumar, antes eu não gostava e muita coisa estou conseguindo por aqui.” (Ipê Rosa)

Ainda em outro depoimento, a entrevistada (Amarílis), fez a seguinte declaração: “No início sim, senti muita dificuldade. Eu não entendia as coisas...acho que estava no mundo da lua!”, demonstrando ter precisado de algum tempo para adaptar-se a dinâmica e proposta do grupo, mas que no decorrer dos encontros isso foi superado.

Dentre as falas, destaca-se a de Flamboyant, quando questionada a respeito de algo que tenha sido desafiador para ela, devido a sua percepção analítica que lhe permitiu afirmar ter reconhecido que por trás de todas as ações desenvolvidas junto ao grupo, havia uma intencionalidade.

“Sim, tudo era desafiador para a gente. Eu notava que em tudo vocês estavam com uma intenção. Porque eu notava que por trás de tudo aquilo que vocês traziam tinha um objetivo. Pra mim sempre teve objetivo em tudo. Então eu percebia que em tudo vocês estavam nos observando. Estavam assim, avaliando cada idoso no seu modo de ser, de falar, e vendo quem precisava mais de ajuda, de quem se aproximar mais.” (Flamboyant)

Referente as demais falas, ainda que as depoentes não expressem terem se deparado com situações desafiadoras, cabe registrarmos o teor destas declarações. Deste modo, obtivemos respostas como as que seguem: “Particularmente, não tive desafios. Tudo foi muito bom, mas nada foi um desafio”; “Não. Pessoalmente, não tive desafios”; “Não. De vez em quando, dava umas emperradas, alguns probleminhas que aconteceram, mas entendemos”; “Não, não encontrei dificuldades. Apenas queria ter viajado mais com o grupo”; “Não encontrei dificuldades, foi tudo muito bom aqui. Só quando tinha que fazer algum teatro, alguma coisa assim, senão não tive nada”.

Diante do teor destas declarações, em que as entrevistadas afirmam que em nenhum momento depararam-se com experiências desafiadoras, isto acabou por constituir um desafio particular, enquanto pesquisadora. Então, refletindo a respeito, apenas me permito supor que a palavra desafio tenha sido compreendida como um alto grau de dificuldade, o qual não foi identificado, por estes sujeitos, entre os conteúdos trabalhados junto ao grupo. Embora não

possua condições para um maior aprofundamento a respeito, reforça-se a preocupação do Serviço Social em pautar sua intervenção a partir de uma perspectiva teórica e metodológica que favoreça a criação de um ambiente acolhedor, com o uso de procedimentos didático-pedagógicos que melhor aproveitem o potencial criativo e a própria curiosidade, destes sujeitos, incentivando-os a querer saber e aprender.

Educação continuada privilegiando os interesses dos sujeitos?

Por fim, a intencionalidade era identificar condições para que a coordenação do GRUPATI possa avançar em sua proposta. Assim, a última pergunta de nosso roteiro para entrevista, referia-se às temáticas ou atividades que as entrevistadas julgavam mais importantes e que gostariam de sugerir.

Deste modo, obtivemos os mais variados conteúdos como, por exemplo:

“Achei o grupo tão completo...palestras sobre saúde como a gente teve, até artesanato, confecção de bijuterias, foi realmente muito completo para mim” (Fícus)

“Na minha opinião, trabalhos manuais, artesanatos, ele possibilita não só aprendizado, mas também para ocupar a mente. (...) O trabalho com cerâmica é muito bom! É criativo. A pessoa mexe, se distrai, descarrega as energias. E em conhecimento isso nunca é demais, porque no nosso convívio social vamos passando.” (Tamarindo)

“Acho que foi tudo trabalhado. Não me lembro de nada agora. Mas acho que foi muito bom aqui, bem completo.” (Garapuvu)

“Não, acho que não. Mas para mim, o que eu gostaria de aprender é mexer no computador.” (Bambu)

“Eu sou muito de trabalhos manuais. (...) E, também, mais leitura, cada um lendo um trecho de várias histórias.” (Flamboyant)

Como é possível observar, algumas reconheciam a programação de atividades do grupo como muito completa e diversificada. Entretanto, outras preferiram dar suas contribuições, qual seja sugerindo ou destacando as que acreditam serem indispensáveis em um grupo como o GRUPATI.

Logo abaixo, destacaremos mais algumas falas, priorizando as que apresentaram sugestões para o aperfeiçoamento e elaboração do programas de atividades do grupo.

“Alguma com uma psicóloga, para conversar com a gente. Palestras de qualquer assunto e até sobre partes do corpo humano, para esclarecer.” (Ipê Rosa)

“Aquela viagem que fizemos a Bombinhas (SC), foi muito boa! Conhecemos o Museu do Mar, a Família Schürmann. (...) Acho legal assim, coisas bem diferentes. (...) Então é bem importante passeios assim.” (Dedaleira)

“O que velho gosta é de dançar. Então, trazer nos encontros, música. [...] Porque pessoas da terceira idade estão muito por fora da música. Elas estão muito por fora da música, elas estão muito pobres. Não estão abertas para conhecer o que há de novo. A música é ótima para alma. É isso que deveria existir mais.” (Azaléia)

“Tudo que seja de reflexão, discussão. O que nós escutamos, as pessoas que vão no grupo falar tudo isso acho muito bonito. Muito valioso isso.” (Acácia)

Assim, como é possível observar, surgiram sugestões e, portanto demandas no campo do acesso a novas tecnologias; no campo do comportamento e conhecimento referente ao aspecto psicossocial; no desenvolvimento de habilidades manuais; na área de saúde físico-mental; e, encontros para estudo e reflexão crítica.

Embora, não tenham demonstrado isso em algumas das declarações referentes a quarta pergunta de nosso roteiro, em essência, aqui mostram o desejo de seguir desafiando-se, ou seja, seguir buscando vivências que signifiquem qualidade de vida e, sobretudo, coerentes na relação teoria e prática, daquilo que aprendem. Isso porque, essas demandas representam o significado de se desafiar aprendendo. Aprendizado este, que deve ocorrer em consonância com as necessidades cotidianas desses sujeitos. Destarte, entende-se que é a partir do conhecimento - em sua busca e construção - que é possível responder a estas necessidades.

Referente a necessidades, convém trazermos a contribuição de Heller (1982 apud MÜLLER, 1997, p.40), ao entender que – considerado o contexto histórico – esta categoria envolve um processo de transformação que deve buscar novas vias, perpassando por mudanças nos modos de ser e estar no mundo, assim como verifica-se em movimentos contraculturais, por exemplo. Por esta perspectiva, afirma que, todos os grupos podem tornar-se sujeitos de mudanças sociais, em uma ação emancipatória.

Neste sentido, no campo das condições sócio-históricas e político-ideológicas, ressalta-se a centralidade do reconhecimento da liberdade enquanto valor ético dos profissionais do Serviço Social, no atendimento das demandas e necessidades de seus usuários, em ações de caráter emancipatório destes sujeitos.

Deste modo, consideradas as especificidades do grupo que protagoniza nossa pesquisa exploratória, é possível verificarmos transformações quanto as necessidades destes sujeitos, tendo em vista a permanente busca por novas experiências de aprendizado.

Portanto, ao Serviço Social cabe mediar os interesses e demandas do grupo à proposta e objetivos institucionais. Certamente, este não é um movimento que se dá sem o encontro de resistências. É preciso clareza quanto a intencionalidade das ações desenvolvidas, tanto por parte do profissional em questão, do usuário e da própria Instituição.

Neste contexto, algumas considerações referentes a relação do profissional com seus usuários se faz pertinente. Primeiramente, conforme consta em seu Código de Ética Profissional (CFESS nº 273/93), dentre os deveres do Assistente Social está o de esclarecer aos usuários sobre os objetivos e amplitude concernentes a sua atuação, sempre que iniciado algum trabalho. Em outras palavras, afirma-se que devemos prestar os esclarecimentos necessários possibilitando uma maior compreensão acerca da dimensão e/ou objetivos e finalidades de determinada ação, pois assim é possível estabelecer uma relação horizontal e mais coerente com nosso usuário. Ademais, o Assistente Social deve também democratizar informações e acesso a programas disponíveis institucionalmente e, igualmente, promover a participação dos usuários em decisões institucionais de seu interesse. Ressalta-se que, então, a partir destes compromissos que permeiam a intervenção profissional do Assistente Social, a atuação do Serviço Social junto ao grupo deve seguir e embasar-se por este referencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento populacional acelerado, tal qual já abordamos anteriormente, vem se configurando como um fenômeno mundialmente experienciado. É certo que isto acarreta fortes impactos sociais o que, claramente, requer um incremento de políticas públicas e sociais que assegurem a devida proteção social aos idosos, com vistas a promoção de maior qualidade de vida a este contingente populacional. Isso porque, com o aumento da expectativa de vida, deve-se, no mínimo, buscar garantias de uma velhice digna a este segmento, acompanhando as mudanças que ocorrem na realidade dinâmica da atual sociedade.

Neste sentido, no contexto do grupo estudado neste trabalho, por maior que sejam suas especificidades, nos permite fazer uma reflexão na perspectiva de totalidade, pois como bem mostramos nas seções iniciais, a velhice não corresponde exclusivamente a um sem fim de perdas, muito pelo contrário explicitamos que é possível se ter ganhos também. Tendo em vista isto, a inserção de idosos, em grupos com objetivos educacionais, favorecem e encurtam caminhos para a vivência de uma velhice com qualidade de vida, assim como foi possível constatar em nossa pesquisa, face aos significativos depoimentos que apontavam nesta direção.

Entende-se que a trajetória do GRUPATI é bastante relevante, principalmente, se pensarmos as possibilidades de socialização dos conhecimentos adquiridos por estes sujeitos, considerando esta enquanto oportunidade de formação de Educadores Sociais, com efetivo potencial para atuar nas políticas públicas direcionadas ao idoso, tais como os Conselhos de Direitos.

Desta maneira, considerando a importante contribuição de grupos como o GRUPATI, por oportunizarem o desenvolvimento de habilidades e potencialidades dos idosos, além do pensamento crítico, debate e reflexão sobre diferentes temas presentes no cotidiano destes sujeitos, entende-se, portanto, como de máxima relevância a busca insistente por expansão destes espaços.

Esta necessidade, consubstancia-se, como bem observamos em nossa pesquisa, na importância que o convívio social, a troca de experiências e o acesso a diferentes saberes, assumem na vida destas pessoas. É incontestável que a educação continuada provoca

considerável impacto social, posto que verificamos em nossa pesquisa que estes idosos reconhecem a importância de socialização do conhecimento adquirido, transmitindo o que aprendem para outras pessoas de seu convívio. Nesse momento, eles conquistam o, já referido, status de agentes multiplicadores do saber, o que permite uma maior valorização social do idoso, contribuindo para a construção de uma nova imagem da velhice.

Os sujeitos da pesquisa demonstraram esta percepção e apontaram, em seus depoimentos, conquistas quanto a mudança e superação de antigos conceitos e comportamentos, salientando que o idoso hoje experimenta um novo momento, está mais ativo o que reflete no enfrentamento da velhice, que é compreendida e encarada de modo mais positivo.

Entretanto, assim como muito bem lembraram algumas de nossas entrevistadas durante a pesquisa, cabe ressaltar que não podemos perder de vista que estamos diante de uma sociedade, intensamente, marcada por traços de desigualdade social. Portanto, a oportunidade de se vivenciar a experiência da velhice de forma, um tanto mais, positiva e saudável, não está presente na realidade da grande maioria da população de idosos brasileiros. Nesta direção, nos permitimos trazer a seguinte provocação: é certo que muito se fala em democratização de conhecimentos e informações, mas, no entanto, é preciso antes dedicar-se a democratização do acesso e expansão destes espaços.

Acredita-se que é preciso também romper com o individualismo que tem marcado, fortemente, as relações sociais contemporâneas, caracterizando um grande desafio em nosso tempo. Para tanto, entende-se que a transformação social de que necessitamos tem início na superação de antigos preconceitos e estereótipos estigmatizantes em relação a velhice, há tempos reproduzidos com base em concepções equivocadas acerca desta etapa da vida.

Conforme constatamos na pesquisa, é possível reconhecemos na educação continuada um importante caminho rumo à construção de uma nova imagem da velhice, onde os idosos protagonizam este processo de transformação que começa a partir das experiências vivenciadas em grupo. Posto que em grupos como o GRUPATI, que dão ênfase ao conhecimento e a atualização, são oferecidas novas alternativas de socialização e abordagens do conhecimento que propiciam condições para que o idoso posicione-se de forma mais participativa e atuante na sociedade, conquistando novos espaços.

Portanto, no tocante a atuação do Serviço Social junto a grupos desta natureza, interessamos reconhecer o seu importante papel enquanto fomentador deste processo de educação

continuada. Processo este, que oportuniza aos idosos maior qualidade de vida cidadã, conferindo a eles maior autonomia e valorização social, repercutindo em seu convívio social, trazendo melhoras a sua auto-estima. O conjunto destes aspectos oferece a estes idosos condições de re-significar a vivência desta etapa da vida, identificando nela novas possibilidades, para enfrentá-la mais positivamente, tal qual foi possível observarmos nos depoimentos apresentados na última seção do presente estudo.

Ademais, convém trazermos a colaboração de Abreu (2002), quanto ao perfil pedagógico desta profissão - que, naturalmente se faz presente no trabalho com grupos numa abordagem sócio-educativa - enfatizando a tendência pedagógica por uma perspectiva de intervenção profissional emancipatória, instrumentalizando seus usuários para que estes se reconheçam enquanto sujeitos portadores de direitos, favorecendo a consolidação de direitos e cidadania.

Neste sentido, entende-se que, no tocante ao processo de envelhecimento e a experiência da velhice, a intervenção profissional do Assistente Social tonifica-se a partir de ações sócio-educativas que vislumbrem autonomia, emancipação e consolidação da cidadania dos sujeitos, objetivadas na perspectiva de promoção de qualidade de vida aos idosos. Entretanto, cabe o seguinte questionamento: como lidar com a perspectiva de qualidade de vida se não tivermos espaços sociais e públicos nessa direção? Acredita-se que, neste contexto, para uma efetiva transformação social é preciso a junção de iniciativas que viabilizem políticas sociais consubstanciadas na referida perspectiva que, inclusive, perpassa pela inserção de idosos em programas educativos, conforme previsto na Política Nacional do Idoso.

Outra relevante constatação refere-se à compreensão destes idosos em relação ao processo de educação continuada em que estão inseridos, apresentando que estes sujeitos mostram-se, a seu modo, esclarecidos quanto a importância e repercussões da educação informal, inclusive, no campo da cidadania, das relações intergeracionais, na mudança de comportamentos, entre outras. Evidencia-se, portanto, que projetos com propostas semelhantes a do grupo em questão, mostram-se importantes meios para consolidação da construção de uma qualidade de vida, preservação da autonomia e valorização do idoso.

Neste contexto, com vistas aos princípios éticos fundamentais, que regem a profissão, verifica-se a imediata necessidade de maior mobilização e engajamento do Serviço Social, enquanto categoria profissional que atua na defesa intransigente de direitos. Pois, evidentemente, este debate assume incontestável relevância, exigindo dos profissionais de diferentes áreas a

atuação em caráter interdisciplinar, propondo soluções e respondendo às demandas que surgem deste segmento populacional.

Portanto, tanto quanto precisamos unir forças na defesa de direitos sociais já adquiridos e nos empenharmos na luta reivindicatória pela conquista e ampliação destes direitos, bem como o acesso a eles, é preciso também que este debate e mobilização alcancem o meio acadêmico objetivamente, contando com a inclusão de disciplinas voltadas a questão do envelhecimento na grade curricular dos Cursos de Serviço Social.

Acessando os anais do X Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) e do XII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), observa-se importantes avanços a medida que o debate acerca da velhice e do envelhecimento vem ganhando espaço entre os Assistentes Sociais, de modo que neste último CBAS tivemos a apresentação de 18 comunicações orais. Entretanto, embora sejam reconhecidos os esforços que resultam no que já fora feito até aqui, é evidente que ainda há muito a se fazer.

Espera-se que este trabalho, que representa apenas um dos recortes possíveis na área de educação continuada, visto que nos detemos a um grupo específico, possa despertar o interesse de outras pessoas pelas numerosas possibilidades de discussão pertinentes a área, mediadas pelo Serviço Social, posto que, nem mesmo a discussão a que nos propomos com este estudo, se finda aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da cultura:** perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

AGUSTINI, Fernando C. **Introdução ao Direito do Idoso.** Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

ANAIS ENCONTRO INTERNACIONAL DE GERONTOLOGIA SOCIAL 2004. São Paulo: SESC, 2006.

ANAIS XII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Foz do Iguaçu-PR: CFESS, 2007

ANAIS X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL. Disponível em: < www.abepss.org.br>. Acesso em: 11 fevereiro 2008.

ASSEMBLÉIA NACIONAL DE IDOSOS 1999. In: **Revista A Terceira Idade.** n° 17. São Paulo: SESC, agosto 1999.

BEAUVOIR, Simone de. **A VELHICE.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

BERZINS, Marília A. Envelhecimento populacional: uma conquista a ser celebrada. In: **Revista Serviço Social e Sociedade.** n° 75. São Paulo: Cortez, 2003, p. 19-34.

BRASIL. Constituição da república Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 25 novembro 2007.

BRASIL. Lei n° 8.842, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso.

BRASIL, Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2004. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso.

BRASIL. CFESS nº273, de 13 de março de 1993. Código de Ética profissional dos Assistentes Sociais.

BREDEMEIER, Sonia M. L. Conselho do Idoso como espaço público. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**. nº 75. São Paulo: Cortez, 2003, p. 84- 102.

BRUNO, Marta R. P. Cidadania não tem idade. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**. nº 75. São Paulo: Cortez, 2003, p. 74-83

CAPITANINI, Marilim E. Solidão na velhice: realidade ou mito? In: NERI, A. L.; FREIRE, S.A. (Org.) **E por falar em boa velhice?** 2.ed. Campinas-SP: Papirus, 2003, p. 69-80.

EDUCAÇÃO E TERCEIRA IDADE. O Correio da UNESCO, ano 10, nº 12, dezembro 1982.

DEBERT, Guita G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 49-67.

_____. **A Reinvenção da Velhice**. São Paulo: Edusp, 2004

DEPS, Vera Lúcia. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, Anita L. (Org.) **Qualidade de vida e idade madura**. 5.ed. Campinas-SP, 2003, p.57-82.

DIMENSTEIN, Gilberto. Emprego de “Tiozão” está em alta. **Folha de São Paulo**, 03 dezembro 2007. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/colunas/gd031207.htm> Acesso em: 22 dezembro 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GALINA, Luís P. Congresso de Educação para cidadania. São Paulo: SESC, 2003. Disponível em: <www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/24.rtf>. Acesso em: 31 janeiro 2008.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HADDAD, Eneida. Políticas Sociais, setoriais e por segmento. In: **Capacitação em Serviço Social e política social, módulo 3**. Brasília: UNB, 2000.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2007

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. População. Disponível em: < www.ibge.com.br/home/mapa_site/mapa_site.php#populacao >. Acesso em: 10 fevereiro 2008.

LIBERATO, Elizabeth M. Educação Continuada e Faculdade da Terceira Idade. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 12. São Paulo: SESC, agosto 1996, p. 11-25.

LIMA, Telma. A intervenção profissional do Serviço Social: propondo o debate sobre ações sócio-educativas. In: Anais IX ENPESS, 2004.

MASCARO, Sônia A. **O que é Velhice**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

MARTINS, Thaiz. **A busca do saber na terceira idade: estudo realizado junto ao GRUPATI/ SESC**. Trabalho de Conclusão de Curso, Serviço Social, 2001. Universidade Federal de Santa Catarina

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5.ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1998.

MÜLLER, Kátia. Organização de moradores numa perspectiva de necessidades radicais. In: **Revista Katálysis**. nº 1. Florianópolis: Editora da UFSC, junho 1997, p.38-52.

NETTO, Matheus Papaléo; PONTE, José R. da. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: NETTO, Matheus Papaléo (Org.): **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 3-12.

NERI, Anita L. **Palavras chaves em Gerontologia**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2001

OKUMA, Silene. Cuidados com o corpo: um modelo pedagógico de educação física para idosos. In: FREITAS, Elizabete Viana et al. (Org.): **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 1093-1100.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional para o envelhecimento, 2002**. ONU, tradução de Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

PALMA, Lúcia S.; CACHIONI, Meire. Educação Permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e com o idoso. In: FREITAS, Elizabete Viana et al. (Org.): **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.1101-1109.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. L. (Org.): **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

PEREIRA, Potyara A. **Formação em Serviço Social, política social e o fenômeno do envelhecimento**. Brasília: MEC – SESu/ CAPES, 2005.

SANTOS, Andréa T dos.; SÁ, Maria Auxiliadora A. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, A. L.; FREIRE, S.A.(Org.) **E por falar em boa velhice?** 2.ed. Campinas-SP: Papirus, 2003, p.91-100.

SANTANA, Hilca B.; SENA, Kaline L. O idoso e a representação de si. In: **Revista A terceira Idade**. nº 28. São Paulo: SESC, setembro 2003, p.44-53.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. Site Institucional. Disponível em: <www.sesc.com.br>. Acesso em: 30 janeiro 2008.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SANTA CATARINA. Site Institucional. Disponível em <www.sesc-sc.com.br>. Acesso em: 30 janeiro 2008

CAPACITAÇÃO DE COMISSÕES DE GRUPOS. Florianópolis: SESC-SC, março 2007.

SALGADO, Marcelo Antonio. Os grupos e a ação pedagógica do Trabalho Social com Idosos. In: **Revista A terceira Idade**. nº 39. São Paulo: SESC, junho 2007, p. 67-78.

SILVA, Anna Cruz de A. P. O papel da ONU na elaboração de uma cultura gerontológica. In: **Revista A terceira Idade**. nº 39. São Paulo: SESC, junho 2007, p. 31-41.

SOMMERHALDER, Cinara; NOGUEIRA, Eliete. As relações entre gerações. In: NERI, A. L.; FREIRE, S.A.(Org.) **E por falar em boa velhice?**. 2.ed. Campinas-SP: Papyrus, 2003, p.101-112.

VERAS, Renato. **País Jovem de Cabelos Brancos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, 1994.

VERAS, Renato. **A longevidade da população**: desafios e conquistas. In: Revista Serviço Social e Sociedade. nº 75. São Paulo: Cortez, 2003, p. 5-18

VIVAN, Mayara M. O. **Relatório de Estágio Curricular Obrigatório**: SESC. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você foi selecionado (a) para participar da pesquisa: **EDUCAÇÃO CONTINUADA: POSSIBILIDADES E DESCOBERTAS NO ENVELHECIMENTO**. Entre os objetivos deste estudo, está o de identificar qual a compreensão dos idosos em relação ao processo de atualização no envelhecimento. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Instituição. Os benefícios relacionados à sua participação são de reconhecer a importância da atuação do Serviço Social enquanto fomentador do processo de educação continuada para idosos. As informações obtidas nesta pesquisa serão abordadas no Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação de Serviço Social, no entanto, os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Mayara Maria de Oliveira Vivan

Endereço e telefone do pesquisador: Rua Gentil Sandin, 380 FONE: (48) 9911-2070

Declaro que entendi os objetivos e a necessidade de minha participação na pesquisa, e concordo em participar.

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas e Transcrição

PERFIL DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS

NÚMERO DA ENTREVISTA: _____ DATA: ___/___/___

IDADE: _____ SEXO: Feminino () Masculino ()

TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NO GRUPO: _____

ESCOLARIDADE: _____

ESTADO CIVIL:

() Casado (a) () Solteiro (a) () Viúvo (a) () Divorciado (a) () Outro:

FILHOS: () Não () Sim. Quantos: _____

PROFISSÃO: _____

TRABALHA: () Não () Sim. Qual ocupação? _____

APOSENTADO: () Não () Sim

PENSIONISTA: () Não () Sim

RENDA MENSAL:

() de 1 a 3 salários () de 3 a 5 salários () de 5 a 7 salários () acima de 7 salários

RELIGIÃO:

() Católica () Luterana () Evangélica () Espírita () Ubandista () Nenhuma

() Outros: _____

QUEM MORA NA CASA:

() Mora sozinha () Marido () Pai () Mãe () Filhos

() Netos () Outros: _____

PARTICIPA DE OUTROS GRUPOS? EM CASO AFIRMATIVO, QUAIS?

() Não () Sim

() ASSOCIAÇÃO DE BAIRRO

() RELIGIOSOS

() ESPORTIVOS

() ENTRETENIMENTO/ LAZER

() CONVIVÊNCIA

() OUTROS _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA: EDUCAÇÃO CONTINUADA: POSSIBILIDADES E DESCOBERTAS NO ENVELHECIMENTO

- 1) O QUE VEM SIGNIFICANDO EM SUA VIDA A PARTICIPAÇÃO NO GRUPATI?
- 2) OS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS NO GRUPATI POSSIBILITARAM MUDANÇAS EM SUA VIDA? SE SIM, QUE CONHECIMENTOS E QUAIS MUDANÇAS?
- 3) QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ ATRIBUI À INSERÇÃO DE IDOSOS EM GRUPOS PARA ESTUDOS E ATUALIZAÇÃO, COMO O GRUPATI?
- 4) VOCÊ PERCEBE QUE OS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS NO GRUPATI VEM CONTRIBUINDO POR UMA QUALIDADE DE VIDA CIDADÃ PARA OS IDOSOS QUE INTEGRAM ESTE GRUPO?
- 5) VOCÊ ENCONTROU DESAFIOS NA REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS NO GRUPATI? SE SIM, COMO FEZ PARA ENFRENTÁ-LOS?
- 6) QUE TEMÁTICAS OU ATIVIDADES VOCÊ JULGA IMPORTANTES E SUGERIRIA QUE FOSSEM TRABALHADAS NO GRUPATI?

ENTREVISTADA: ACÁCIA

- 1) É bom porque cada vez vamos conhecendo coisas novas, cada vez tem mais coisas para aprendermos, novos conhecimentos.
 - 2) Antes de participar era muito quieta, muito calada. Agora, estou bem mais desembaraçada, me sinto muito mais a vontade. Estou participando mais e consigo conversar melhor com as pessoas. E o que aprendemos no Grupo, os conhecimentos, e a convivência é que ajudaram para isso.
 - 3) E como é muito importante! As pessoas acabam tendo maior auto-estima, são mais alegres, conhecem pessoas novas. E, também, as atividades trazidas no grupo que contribuem na vida dos idosos.
 - 4) Contribuem muito, tanto pelas palestras, naquilo que a gente aprende e as vivências.
 - 5) Desafio, porque eu tenho dificuldades para compreender as coisas, acabava não entendendo muitas coisas. E não costumava perguntar para ninguém do grupo, muitas vezes esperava até chegar em casa e perguntava para o filho.
 - 6) Tudo que seja de reflexão, discussão, o que nós escutamos as pessoas que vão no grupo falar, tudo isso acho muito bonito. Muito valioso isso.
-

ENTREVISTADA: FÍCUS

- 1) Eu já fazia parte de outros com trabalhos manuais e soube que o GRUPATI era algo diferente, mais cultural, com palestras, outro tipo de atividades. Acho que como eu soube que o GRUPATI era diferente dos grupos que eu participava, lá eu vi que realmente ele acrescentou muito. Porque, inclusive até trabalhos manuais teve, entre outras atividades, além de atividades mais marcantes, as palestras e os conhecimentos gerais acrescentaram muito na minha vida.
- 2) Conhecer coisas novas, conversas com o filho, contar algumas coisas que via lá, como quando tivemos um vídeo sobre o tempo da guerra, soube de coisas que eu não tinha conhecimento, comentar e contar e coisas que ele, mesmo estudando, não sabia. Trazer novidades para contar! Além de comentar com pessoas de outros grupos do qual participo. Isso foi muito bom!
- 3) Acho que tem uma grande importância, porque eu por exemplo, já tenho um pouco de conhecimento. Fui funcionária durante trinta anos, mas via que muitas pessoas ali nunca haviam saído de casa, então elas estavam ali adquirindo esses conhecimentos que acredito até que para elas acrescentou muito mais do que pra mim. Porque, para elas essa era a oportunidade!
- 4) Acredito que sim, por exemplo, tivemos conhecimento maior a respeito do Estatuto (Idoso). Além de coisas culturais, fizemos visitas a museus, estivemos até na Universidade (UFSC), fizemos muitas coisas valiosas.

- 5) Particularmente, não tive desafios, tudo foi muito bom, mas nada foi um desafio.
 - 6) Achei o grupo tão completo.. palestras sobre saúde, com a gente teve até artesanato, confecções de bijuterias, foi realmente muito completo para mim.
-

ENTREVISTADA: AZALÉIA

- 1) Olha para mim representou muita coisa participar do GRUPATI... muita mesmo! Só de poder sair de casa, se arrumar, encontrar pessoas já valia!
 - 2) Aprendemos bastante coisas no GRUPATI, visitas a museus, essa convivência já é uma grande mudança na minha vida.
 - 3) A importância que eu acho, é que as senhorinhas de antigamente com 50 anos eram idosas e hoje elas já saem. Todas elas colocam batom! Elas não colocam mais o lençinho na cabeça, elas colocam batom! E do momento que elas ficavam viúvas elas não chegavam nem na janela, elas morriam pro mundo! E hoje não... hoje está diferente, apesar de respeitar o falecido, a gente continua na ativa! Passeando! Viajando! Conhecendo!
 - 4) Sim. Por tudo, inclusive das pessoas que iam até o grupo, as pessoas que visitavam o grupo nas integrações. E também, o Projeto Viver Bem, porque eu chegava e já encontrava pessoas de outros grupos e as atividades, esse projeto foi maravilhoso, trocávamos experiências, valeu muito.
 - 5) A única dificuldade que encontrei foi no dia que uma das atividades trazidas era a respeito de raciocínio lógico, que na verdade foi muito bom e a gente até passou para outras pessoas. Mas foi muito bom, para ficarmos mais atentas.
 - 6) O que velho gosta é de dançar, trazer nos encontros músicas, como uma das atividades trazidas a respeito, porque pessoas da terceira idade estão muito por fora da música, elas estão muito pobres, não estão abertas para conhecer o que há de novo. A música é ótima pra alma. E é isso que devia existir mais.
-

ENTREVISTADA: AMOREIRA

- 1) Acho que eu fiquei viúva e tava um pouco “teto baixo” e achei que convivendo com pessoas da mesma idade seria auto-ajuda, porque aí estou convivendo com gente que está na mesma situação minha. Porque quem convive com filho já é problema com a adolescência, mas quando a gente convive com neto é problema duplo. [...] Fica uma distância um pouco da minha juventude pra agora, então aí para eu não ficar mais só na conversa com eles, que eu já estava até começando a falar gírias, mas daí convivência com pessoas da mesma idade a gente se sente mais

segura. É mais para isso, por egoísmo, até pra me ajudar, ter as amigas da mesma idade, vocês que são 10 também, e que provavelmente já tem um pouco de psicologia pra lidar com a gente.

2) É...até pra gente ficar mais leve um pouco, não ser revoltada. Porque talvez, se eu convivesse só com meus netos e filhos, a gente começa a ficar um pouco revoltada, e sempre se aprende seja com vocês, ou com as outras pessoas do grupo. E também com os netos, com filhos talvez se solte um pouquinho mais. Estou aprendendo até hoje. Foi positiva minha ida pro GRUPATI. E até pra aceitar a velhice, está todo mundo na mesma.

3) É que os estudos e essa atualização não deixam a gente ficar parado no tempo. Se você está estudando, está lendo... Eu gosto de ler um livro, fazer palavras cruzadas, ver tv.. então isso vai ajudando a gente para não ficar aqueles velhos recalcados: “Que o mundo é infeliz!”; “Porque velho... só serve pra ser lacaio dos outros!”; “Porque velho coloca uma roupa e já fica feio!”. Ajuda a gente achar que está todo mundo na mesma na canoa, e você não está sozinho morrendo afogado.

4) A gente só tem a ganhar! a verdade é essa, de qualquer jeito a gente ganha! Nada é por acaso, as discussões que temos lá, para os idosos é muito importante! [...] Porque, hoje em dia não é como antigamente que as mulheres colocavam um vestido pelos pés e esperavam morrer. Hoje em dia não, o pessoal já é tudo “sacudido”.

5) Pessoalmente, nao.

6) Gincanas, perguntas e respostas, forçando a relembrar algumas coisas.

ENTREVISTADA: TAMARINDO

1) Bom, eu fazia participações no SESC São Paulo. E quando vim para Santa Catarina eu queria paraticipar de um grupo no SESC daqui, mas não queria só atividades única e exclusivamente sociais. Queria algo mais! Queria algo mais e o GRUPATI ofereceu essa condição, por ser de estudos, trazendo informações.

Olha, acho que valeu a pena! Além da convivência social, teve muitas.. acrescentou! Os palestrantes que vinham, por exemplo a educação nutricional, como se comportar em nutrição, as participações dos de história e geografia.

2) Sim, claro! principalmente na área de nutrição, em relação a pressão alta, hipertensão, diabetes, ainda que eu não seja diabética, teve muita coisa boa que acrescentou.

3) É excelente! Além de conhecimento, a mente é preenchida com mais coisas. Porque nós somos seres humanos, nós já atravessamos muita coisa, mais ainda temos que aprender muito... E até que a gente dê o último suspiro temos o que aprender.

4) Acho que sim! Porque o SESC possibilita isso, com os conhecimentos, as pessoas que ele traz!. Ele tem essa motivação! Das pessoas que se integrarem, se sociabilizarem, se integrarem enquanto cidadão. Por isso que eu gosto muito do SESC.

5) Não.. de vez em quando dava umas emperradas, alguns probleminhas que aconteceram, mas entendemos...

6) Na minha opinião, trabalhos manuais, artesanatos, ele possibilita não só para aprendizado, mas também para ocupar a mente. Porque muitas vezes, a pessoa chega no grupo e vem muito cansada, extenuada, e chega e começa a fazer alguma atividade de artesanato, seja lá qual for, por exemplo, pode entrar a cerâmica.. O trabalho com cerâmica é muito bom, é criativo, a pessoa mexe, se distrai, descarrega energias. E em conhecimento, isso nunca é demais, porque até no nosso convívio social vamos passando.

ENTREVISTADA: AMARÍLIS

1) Foi a melhor escolha q eu já fiz na minha vida, nunca tinha encontrado um grupo assim para se entrosar. E as minhas idéias participando com as delas, trocando idéias e experiências. Esse contato foi maravilhoso para mim, renovei, renasci!

2) Trouxe sim, muita coisa. Inclusive as viagens que fizemos. Parece que me abriu as idéias. Antes eu era uma pessoa muito fechada, me abriu os horizontes!

3) É muito importante para desenvolvermos nossas habilidades, ouvir as palestras porque abrem muito nossas idéias. Ah! Se outras pessoas idosos pudessem participar... Para mim foi maravilhoso!

4) Sim, com ctz! Tem muitos reflexos na cidadania. (não conseguiu discorrer mais)

5) No início sim, senti muita dificuldade, eu não entendia as coisas... Acho que eu estava no mundo da lua. Não entendia o que se passava naquele grupo.

6) Acredito que yoga, tai chi chuan também.. essas terapias alternativas.

ENTREVISTADA: BROMÉLIA

1) Uma boa convivência, vivendo em grupo, onde a gente sempre aprende alguma coisa, troca experiências e isso é que tem significado na minha vida.

2) Mudou sim, já pela amizade. Aprendi também, sobre os tipos de alimentação, e também como se comunicar melhor com as pessoas.

- 3) Acho que porque o idoso fica me casa muito só, e no grupo a gente aprende muito com os outros idosos, além de sair de casa. E também por estar aqui ouvindo coisas novas.
 - 4) Ah, sim! Vem contribuindo pra uma vida melhor. Hoje todo mundo diz o que quer, consegue se expressar melhor, e um aprende com o outro.
 - 5) Não, não encontrei dificuldades. Apenas queria ter conseguido viajar mais com o grupo.
 - 6) Acho que as pessoas idosas ficando juntas, se reunindo, só a convivência já muito bem, não precisam ter tantas atividades. Só por não estar em casa, tá saindo já vale.
-

ENTREVISTADA: HORTÊNSIA

- 1) Eu vim a procura de amigas, fazer novas amizades. E participar de alguma coisa. E eu gosto de todas as atividades. E só de sair de casa e ver minhas amigas já estava ótimo, para conversar e trocar idéias.
 - 2) Para mim o importante é estar aqui junto as minhas amigas. [...] E eu não tinha amigas, por isso eu vim procurar amigas. E para as outras pessoas eu comentava que aqui no grupo era muito bom, mas eu quase nem comentava para ninguém. Eu não tinha mais amigas, mas agora sei que tenho um monte.
 - 3) É bom a gente estar sempre aprendendo coisas novas. O idoso se aposenta e fica em casa, e vai desaprendendo, chega uma hora que eles não sabem nada [...] e acabam se isolando, e morrendo porque ficam doentes. Porque quem fica em casa, trancado, só pensa na doença. A pessoa tem que sair e conversar, aprender, abrir a mente, isso é muito bom! Qualquer coisa que a gente faça estamos aprendendo. Todos os dias. “Vivendo e Aprendendo.”
 - 4) Claro, é muito bom. Assim o idoso sabe de muita coisa, porque se ele ficar em casa vai chegar a hora em que ele não saberá mais nem conversar, vai se intimidar. Então tudo que vem, que ele aprende, é muito bom. [...]
 - 5) Não, mas quando eu não sabia eu ficava calada. [...] Não me arriscava a falar, ficava na minha. E nada me abala. Se não dá para mim eu fico na minha.
 - 6) Acho que brincadeiras. Tem que ter sempre brincadeiras, pra gente rir e relaxar. Com a brincadeira a pessoa entra mais no ritmo e participa melhor. Se for algo rígido a gente fica com medo de participar, medo de errar [...] se tranca.
-

ENTREVISTADA: IPÊ ROSA

- 1) Para mim foi ótimo, eu vim para cá muito pra baixo, não tinha animação para as coisas. E aqui no Grupati eu me levantei, gostei muito! E até as coisas que a gente aprende aqui, mas eu tenho muita vergonha de fazer perguntas, sempre espero que os outros façam. Mas estou aprendendo a ser mais despachada, até vejo fotos de antes e digo: “meu deus, que cabecinha mais enterradinha”. [...] E vim pra cá porque queria sair de dentro de casa, conhecer gente, conhecer coisas novas, porque eu era muito oprimida dentro de casa
- 2) Conheci muita coisa aqui. Até mesmo em palavras que antes era difícil de entender, hoje eu já entendo. Ser mais despachada com as minhas amigas, até minha comunicação com as pessoas, embora eu não seja muito comunicativa. [...] Eu gosto de participar para aprender [...].
- 3) Acho que isso para os idosos é muito bom. Porque a gente vê tantos idosos que são velhinhos animados, gente que tem coragem para brincar, coragem de falar, são mais pra frente do que eu! Aqui a gente fica mais solto, fala melhor, participa, troca idéias.
- 4) Ah, sim! Sem dúvida! Eu já aprendi muito. Hoje eu percebo que consigo entrar nos diálogos, antigamente não. Já descobri que posso ter um convívio com as pessoas, to aprendendo isso.
- 5) Meu único desafio foi quando tivemos aquela atividade em inglês, para aprendermos inglês. Aquilo eu não consegui. Também porque eu não gosto de escrever. [...] Mas aos poucos estou aprendendo a ser diferente, até na hora de se arrumar, antes eu não gostava e muita coisa eu estou conseguindo por aqui.
- 6) Alguma coisa com uma psicóloga, para conversar com a gente. Palestras, e de qualquer assunto, e até sobre partes do corpo humano, para esclarecer.

ENTREVISTADA: DEDALEIRA

- 1) É muito bom, pelas informações que a gente recebe, até de nutrição. São coisas que se a gente ficar em casa não sabe, e aqui sabe!
- 2) Não percebi nada de mudanças. Mas sempre gostei muito dos passeios que a gente fez aqui. E coisas que eu ouvia aqui acabei levando para casa, até agora não me lembro de uma pra te dizer. [...]
- 3) A isso é muito importante, é muito vantajoso para eles pelas coisas que eles estão ouvindo nesses grupos, de palestras. Porque as vezes, alguns nem tem médicos e participando do grupo eles “pegam” aquilo ali.
- 4) Ah, eles tem sim uma vida com mais cidadania. Estão se encontrando com as pessoas, falando, conversando. E acho que as pessoas levam para casa muita coisa boa que aprendem aqui. [...] Tudo que entra na cabeça da gente ajuda a gente, coisa que a gente

não sabe e fica sabendo. Porque se a gente ficar em casa não sabe das coisas. Agora, quando entra num grupo a gente começa a entender essas coisas.

- 5) Teve uma coisa que trouxeram aqui que eu não quis fazer, que foi consertar brinquedos (Projeto Ciranda – Institucional) Eu não gosto dessas coisas, ficar parada, com essas coisas miúdas. Aí fiquei na sala, mas não fiz.
- 6) Aquela viagem que fizemos a Bombinhas foi muito boa! Conhecemos o Museu (do Mar), a Família Schürmann. Aquela lá foi muito boa, a gente viu o osso da baleia, vimos tudo. Acho legal assim, coisas bem diferentes! O museu era na ilha, tivemos que atravessar de barco. Tinha tartaruga quando tava nascendo, saindo do ovo. Tem bastante coisa. Coisas que a gente nunca viu. Então, é bem importante passeios assim.

ENTREVISTADA: GARAPUVU

- 1) Significa muita coisa, muita coisa boa! É o que a gente aprende, a gente fica diferente, não fica dentro de casa. Eu sou muito tímida, mas to começando a me entrosar mais, já não tenho tanta vergonha de falar como eu tinha. E não só aqui no grupo, até fora. Isso aqui ajuda para tudo.
- 2) Trouxe alguma mudança sim. Porque eu antes não saía de casa, sempre fui muito tímida, mais reservada, e ainda casei com homem que me trancava muito dentro de casa, muito ciumento, muito machão... e até por isso que eu me separei, porque era demais! [...] Até para os filhos ele era ruim. E eu que já tinha esse meu jeito assim, fui deixando ele me dominar, era como se ele tivesse mais força do que eu. E eu acreditava naquilo. [...] Ele era muito mulherengo, e tinha muito ciúme, então se eu ficasse trancadinha dentro de casa estava tudo bem, ele tava bonzinho! [...] E eu como era muito da Igreja, [...] achava que casamento era pra sempre, eu tava casada há 31 anos. E até pela Igreja e uma porção de coisas, tudo isso e também como eu gostava dele, fui ficando até que os filhos se encaminharam e fizeram a vida deles daí não deu mais, já tava tão ruim a coisa que os filhos me ajudaram a separar e ficaram mais contentes, me apoiaram.. ficaram mais sossegados. [...] Eu não aguentava mais. E um tempo depois minha filha me incentivou a entrar num grupo. E aqui a gente aprendeu muita coisa, tinha bastante palestras e eu gosto muito de palestras. E vim aprender alguma coisa sobre saúde, idosos, envelhecimento e a gente até se conforma mais com o processo de envelhecimento, aceita melhor. E antes acho que eu não aceitava, agora já aceito melhor, porque tem mais gente na mesma situação. Então tudo isso já foi uma grande mudança na minha vida. E essas amizades que a gente tem também é muito bom. E eu nasci e me criei a vida toda no Campeche [...] e teve um tempo que eu comecei a ficar aborrecida, [...] tanto que não quis entrar em nenhum grupo de lá, preferi esse aqui. [...] Eu já prefiro conhecer mais o mundo. E, depois que me separei eu ganhei mais liberdade! E queria ir mais longe.
- 3) Ah, tem! Porque a melhor coisa que fizeram foi grupo para idosos! Eu conhecia gente assim, que não muito velha na idade e que já tava...parece que assim esperando a

morte e até incomodando os parentes. Sempre reclamando, sempre reclamando! Tava com isso e com aquilo. Agora tá bem mudado isso, os idosos estão com tudo! Então é muito importante que eles busquem grupos assim. [...] A vida continua, não é porque envelheceu que acabou.

- 4) Eu acho que sim! Contribui bastante, tem esse lado também. [...] a própria sociedade agora dá valor, antes o idoso era muito esquecido. E a gente aqui aprende muita coisa, e tá mais atualizado, vivendo um outro momento.
- 5) Não encontrei dificuldades, foi tudo muito bom aqui. Dificuldade só quando tinha que fazer algum teatro, alguma coisa assim, senão não tive nada.
- 6) Acho que foi tudo trabalhado, não me lembro de nada agora. Mas acho que foi muito bom aqui, bem completo.

ENTREVISTADA: BAMBU

- 1) Eu sempre trabalhei no SESC, e quando sai para me aposentar senti falta. Tenho pena de não saber ler, pra aproveitar mais. [...] Para mim tá sendo muito bom, e tudo que posso participo [...] faço as atividades, tudo. E conhecer coisas que eu não conhecia. E quantos lugares eu conheci, viajei com pessoas que eu não conhecia. Foi uma grande oportunidade. Adorei tudo isso.
- 2) Não me recordo muito. Mas gostei muito do Seminário Envelhecer com Saúde, do SESC. Muita coisa que eu aprendi ali me esclareceu bastante coisa, aproveitei mais, inclusive no cuidado com meu pai.
- 3) O idoso hoje... porque, primeiro ele ficava em função de casa e hoje não! O meu pai tem 87 anos e também é de um grupo para idoso. [...] Hoje o idoso está aproveitando mais, participando de encontros, fazendo grandes amizades, tendo uma nova perspectiva! Então, claro que é importante tá em contato com tudo isso novo que tem.
- 4) Com certeza. Tem um monte de coisa que a gente tá aprendendo, tem bastante rendimento pra gente. E a gente vai aproveitando isso na vida da gente. Lugares que a gente foi conhecer e que se eu não estivesse no grupo não iria.
- 5) Não, não. Com certeza não. A gente tem que tentar fazer! Claro que se fosse alguma coisa de ler eu não conseguia. Então, e como eu mesmo de óculos só enxergo 25%, não tem como aprender a ler. Mas daí eu pedia ajuda para as minhas amigas.
- 6) Não, acho que não. Mas pra mim o que eu gostaria de aprender é mexer no computador. Semana passada minha filha tava me ensinando.

ENTREVISTADA: FLAMBOYANT

- 1) Nós, eu e Ficus, a gente queria uma tarde mais serena, porque temos muitos compromissos com outros grupos. E também mais de conhecimento, com estudos e informações como é esse grupo. Isso estava faltando pra nós, estávamos trabalhando muito, se estafando muito e não adquirindo aquilo que a gente precisa na terceira idade, que é mais conhecimento, atualização e tudo isso faltava pra gente porque a gente não tinha mesmo oportunidade, tava muito envolvida com outros trabalhos. E esse grupo foi muito bom pra nós, principalmente pra mim que sempre gostei muito de participar de palestras. Foi muito oportuno pra mim, eu estava muito desgastada fisicamente e também com depressão devido a aposentadoria forçada, porque eu já estava com 75 anos e já tinha passado muito da idade de se aposentar, [...] mas eu não queria. Então esse grupo era um ambiente novo pra gente e ele só ia somar naquilo que eu sempre gostei e não tive oportunidade de tá fazendo, indo em palestras e tudo mais. E eu não esperava que fosse tão bom pra mim como é! É como uma higiene mental pra mim, porque nos meus outros grupos é tudo correndo, nesse não a gente conversava, e eu sou mais tímida e fui ficando mais solta. Então pra mim foi muito bom. [...] então a gente tava sempre esperando o que ia fazer no próximo encontro, porque era sempre uma coisa nova, boa.

- 2) Pra mim contribui, quebrei um pouco isso de... porque eu não sei fazer muita amizade. E muita coisa ali, aquelas palestras as coisas que ensinaram, eu pude depois passar para os meus outros grupos. Tem muita coisa, até as que falavam sobre beleza. [...] a importância de se valorizar, trabalhar a auto-estima e isso eu levei para elas. Então o que eu aprendia lá depois eu passava pra elas. Até teve uma palestra sobre sexo na terceira idade que eu contei pra elas também, passei pra elas o que ouvi lá. Na nossa idade, a gente tem que transmitir para os outros tudo que a gente aprende, porque tem muita gente que não tem a mesma oportunidade!

- 3) Que importância isso tem? Eu acho muita! Porque a mentalidade de hoje... até a gente como idoso diz: ‘ah é muito velho!’. Eu acho muito importante porque isso tá valorizando o idoso. E não só valorizando, você tá dando oportunidade para ele adquirir conhecimentos que ele em casa não ia ter. E ele já tá “meio ceguinho”, já não vai ler tanto. E ali não, vai criando muita oportunidade de se atualizar dentro desses grupos como o de vocês. É muito rico, leva muita coisa pra gente idoso. Dá muita importância pro idoso. [...] E na atualidade, quem mais precisa de atenção é o idoso. Então é muito importante grupo assim, primeiro que ele sai de casa, e também ficou mais vaidoso. E em casa se adquirir conhecimento na televisão nem tudo é próprio pro idoso. E nesses grupos vocês só levam o que realmente vai ajudar o idoso. Então isso aí pra mim é da maior importância! Valorizou o idoso, deu oportunidade dele ter muito mais conhecimento, se entrosar, até porque o idoso vai caindo em depressão porque as crianças, os jovens acham que: “ah, porque é idoso, é velho”.

- 4) Isso não resta dúvida! Tudo o que a gente aprende tem utilidade, a gente acaba utilizando na nossa vida. Por exemplo, a gente não sabe dos nossos direitos e por ali a gente ficou sabendo de quanta coisa o idoso pode exigir, porque ele não sabe. E a gente ganhou o Estatuto do Idoso. Então a gente ficou sabendo que tem dever sim, mas tem também muitos direitos. E teve muita palestra que deixou a gente mais esperta.

- 5) Sim, tudo era desafiador para a gente. Eu notava que em tudo vocês estavam com uma intenção. Porque eu notava que por trás de tudo aquilo que vocês traziam tinha um objetivo. Pra mim sempre teve objetivo em tudo. Então eu percebia que em tudo vocês estavam nos observando. Estavam assim, avaliando cada idoso no seu modo de ser, de falar, e vendo quem precisava mais de ajuda, de quem se aproximar mais. [...]
- 6) Eu como sou muito de trabalhos manuais, como uma vez foi falado de fazer alguma coisa para doação, eu já fui fazendo. E também, mas leitura, cada um ler um trecho de várias histórias.